

A devoção e a peregrinação jacobeias em Portugal

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
Universidade Católica Portuguesa

La devoción y la peregrinación jacobneas en Portugal

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
Universidade Católica Portuguesa

Resumen: Afirmo sin ningún tipo de duda que Portugal es el país europeo donde la devoción y la peregrinación jacobneas han penetrado más profundamente en el alma popular. He mencionado la devoción y la peregrinación, pero esta afirmación necesita una base documental de apoyo. Es precisamente esto lo que me propongo comenzar a hacer en el presente trabajo al que espero que le continúe al menos un segundo. En este inicial, las noticias más antiguas nos cuentan que la devoción ya existía en el siglo IX, ¡la iglesia parroquial de Castelo de Neiva (Viana do Castelo) fue consagrada en el año 862! La peregrinación llegaría a continuación, cuando en 899 se desplazaron a Compostela cinco obispos del territorio que hoy es portugués para la consagración de la segunda basílica allí dedicada a Santiago. No eran peregrinos propiamente pero abrieron un camino que en seguida vería nacer toda una estructura asistencial que cuidaba de los caminantes. Sin embargo, hay muchas otras y variadas pruebas de la antigüedad y de la intensidad de la peregrinación, así como de la devoción al Apóstol, diseminadas por tierras portuguesas que deberán quedar para un segundo momento.

Palabras clave: Portugal. Peregrinación jacobnea. Culto jacobneo. Historia.

The Jacobean cult and pilgrimage in Portugal

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
Universidade Católica Portuguesa

Abstract: *There is no doubt that Portugal is the European country where the Jacobean pilgrimage and cult has had the major influence among the common people. I have mentioned the worship and the pilgrimage, but documentary*

evidence is required to support this statement. This is precisely what I intend to do in the present work in the hope that more will follow. To begin with the oldest documents tell us that this cult already existed in the IXth century. The parish church of Castelo de Neiva (Viana do Castelo) was consecrated in the year 862! The pilgrimage began when in 899 five bishops went from what is now Portugal to Compostela to the consecration of the second basilica of Santiago. They were not pilgrims, properly speaking, but they opened up a way which quickly became a network of hospitality for taking care of pilgrims. However, there is much more evidence which demonstrates the antiquity and intensity of the pilgrimage, as well as the cult of the Apostle, spread throughout Portugal which will be dealt with in a later article.

Key words: Portugal. Jacobean pilgrimage. Jacobean cult. History.

A devoción e a peregrinación xacobeas en Portugal

Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha
Universidade Católica Portuguesa

Resumo do texto: afirmo sen ningún tipo de dúbida que Portugal é o país europeo onde a devoción e a peregrinación xacobeas penetraron máis fondo na alma popular. Mencionei a devoción e a peregrinación, pero esta afirmación necesita unha base documental de apoio. É precisamente isto o que me propoño comezar a facer no presente traballo, ao que espero que lle siga polo menos un segundo. Neste inicial, as novas máis antigas cóntannos que a devoción xa existía no século IX; a igrexa parroquial de Castelo de Neiva (Viana do Castelo) foi consagrada no ano 862! A peregrinación chegaría a continuación, cando en 899 se desprazaron a Compostela cinco bispos do territorio que hoxe é portugués para a consagración da segunda basílica alí dedicada a Santiago. Non eran peregrinos propiamente pero abriron un camiño que axiña vería nacer toda unha estrutura asistencial que coidaba dos camiñantes. Non obstante, hai moitas outras e variadas probas da antigüidade e da intensidade da peregrinación, así como da devoción ao Apóstolo, espalladas por terras portuguesas que deberán quedar para un segundo momento.

Palabras clave: Portugal. Peregrinación xacoea. Culto xacoeo. Historia.

Em qualquer região portuguesa, ao perto ou ao longe, há um topónimo Santiago; em muitas igrejas portuguesas há uma imagem de Santiago; em muitos testamentos medievais portugueses há uma doação a uma igreja “*de Santiago*”, portuguesa ou galega, muitas vezes acompanhada de outra destinada a uma peregrinação de substituição a “*S. Thiago da Galecia*”; a nossa etnografia está cheia de referências ao culto jacobeu; e na língua portuguesa são várias as palavras ou expressões enraizadas na devoção ao Apóstolo. Etc.

Mas este não é já um trabalho de síntese, impossível ainda hoje, até porque grande parte da nossa documentação antiga está por estudar, perdida no silêncio dos Arquivos ou desconhecida por cantos e recantos.

Tentarei dar uma panorâmica da devoção e da peregrinação a Santiago na História e na religiosidade portuguesas.

I. Os mais antigos lugares jacobéus portugueses

Também em Portugal, ou melhor, no território que hoje é Portugal, Santiago começou por ser fundamentalmente o padroeiro da Reconquista contra os Mouros, iniciada a partir de Covadonga, mas que, em pouco tempo, chegaria aos territórios do Entre-Douro-e-Minho e do Entre-Douro-e-Mondego.

As mais antigas notícias do culto jacobeu referem-se por isso a igrejas ou ermidas dedicadas ao Apóstolo, no contexto da luta contra o Mouro.

A primeira é do ano 862; dá-a uma pedra epigrafada que noticia a sagração da igreja de Castelo de Neiva (Viana do Castelo): *“In Dei nomine sacrabit / basilica Sancti Jacobi / Apostoli Domnus Nausti episcopus / ... s Era DCCCC”* de César, ou seja, no ano 862 da era cristã. Trata-se da igreja de uma povoação acastelada, de antigas lutas militares.

Mas outras há, desta mesma centúria, nomeadamente na região de Coimbra, cidade várias vezes conquistada e perdida pelos cristãos e que sofreu longos assédios. O apego da tropa cristã à protecção de Santiago explica que várias igrejas do arrabalde conimbricense tivessem sido dedicadas ao Apóstolo e algumas doadas mesmo à igreja de Compostela¹. A primeira foi a de Trouxemil (*uilla crescemiri*), doada por Afonso III das Astúrias, em 883, à de Santiago de Compostela, um ano antes da primeira conquista de Coimbra. Com esta doação, ter-se-ia estabelecido ali o culto do Apóstolo: Trouxemil é, ainda hoje, uma freguesia dedicada a Santiago.

A 30 de Dezembro de 898 – *“in die festivitatis supradicti patroni nostri sci. Iacobi III kals. Ianuarias”* –, o mesmo Afonso III doou outras vilas do território de Coimbra, recém-conquistada, um pouco nos mesmos termos:

“...domino sancto glorioso ac post deum fortissimo patrono iacobo apostolo cuius corpus tumulatum esse dignoscitur sub arcis marmoricis provincia gallecie ... offerimus atque concedimus memorie uestre pro uictu monachorum pro subsidio pauperum et susceptione peregrinorum siue aduen(ienti)um uillas in suburbio coninbriense quas nuper dominus de manu gentilium abstulit et sancta uestra intercessione dicioni nostre subdidit id est uilla in ripa de fluuio uiaster cum ecclesia uocabulo sci(licet) martini et uilla crescemiri siue et iuxta

¹ Ainda hoje, à volta de Coimbra, Eiras, Souselas e Trouxemil são paróquias de Santiago; e há ermidas dedicadas ao Apóstolo em Ançã, S. João do Campo, Taveiro e S. Martinho do Bispo. E não se pode esquecer a igreja de Santiago, da cidade de Coimbra.

*fluuiu uilla cum ecclesia sci(licet) laurenti et terciam partem de uilla trauazolum inter agatham et uaugam*².

Mas há notícia de outras doações a Compostela. Em 908, o presbítero Viliulfo doou à igreja de Santiago a de S. João de Penselo (hoje do concelho de Guimarães), que, no entanto, conservou sempre a invocação joanina.

*“Ego seruus uester licet indignus Viliulfus presbiter ... concedo et offero glorie uestre atque sacro sancto altario uestro (domino et patrono meo sanctoque Dei martiri sancto Iacobo apostolo cuius corpus tumulatum manet sub arcis marmoreis territorio gallecie in finibus Amaee) pro uictu atque uestitum monachorum Dei in ista sancta ecclesia nostra deseruiencium suu,atur Pensello subtus monticulo Lartico iuxta arrogio selo territorio bracarense...”*³.

Mais tarde, em 1066, a Infanta D^a Urraca concedeu igualmente a Compostela várias vilas e igrejas de Entre-Douro-e-Minho:

*“Concedo atque offero ob gloriam nominis tui (glorioso aplo. iacobo patrono meo) sco. altario suo in prefata ecclesia (fundata ... in terra gallecie finibus amæa) fundato uillam quam dicunt uillellam cum alia uilla quam ibi ganauit nunus ueremudiz de suis coniermanis et ecclesiam sce. marie in riuulo de molinos et medietatem ecclesie sce. eulalie et in capreiros sci. saluatoris ecclesdie medietatem et sunt ipse uille in ualle de uice territorio portugale”*⁴.

Entre as muitas doações a Santiago, é justo salientar a da *villa Corneliana* (hoje Correlhã, Ponte de Lima), do ano 915, feita por Ordonho II de Leão (914-924) e Elvira, sua mulher:

*“...placuit nobis ut contestaremus uillam pro eis loco sancto uestre ecclesie sicut et contestamus. id est uillam quam uocitant cornelianam territorio gallecie secus flumen limie cum ecclesia sci...”*⁵.

Pouco a pouco, entretanto, começaram a surgir, aqui e ali, pequenas “*ecclesias*” locais, digamos assim, dedicadas a Santiago: a “*in ripa de Ul ecclesia Sancti Jacobi*” já existia em 922; no ano 1033, numa doação feita à Colegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães, fala-se da “*de sancto Iacobo de Castelanos ... ipsam ecclesiam*” (Santiago de Castelões, Vila Nova de Famalicão) e, em 1043, sabemos da “*ecclesia vocabulo Sancti Jacobi qui est fundata in villa nuncupata Candanoso*” (Candoso, Guimarães). Santiago de Riba-Ul (Oliveira de Azeméis), Castelões e Candoso são ainda hoje duas paróquias da invocação de Santiago.

Se muitas destas igrejas têm nos documentos o nome de *ecclesias*, outras são chamadas *basílicas* (*baselicas*, *beselgas*). Tratava-se de pequenos templos levantados sobre

2 FERREIRO, López - *Historia de La Santa A. M. Iglesia de Santiago*, II, Santiago: Seminario Conciliar, 1899, Apéndice, p. 44 (de seguida, apenas FERREIRO).

3 FERREIRO - *ob. cit.*, II, Apéndice, p. 61.

4 FERREIRO - *ob. cit.*, II, Apéndice, p. 245.

5 FERREIRO - *ob. cit.*, II, Apéndice, p. 86.

o túmulo ou relíquias de um santo de quem tomavam o nome, criadas, em princípio pelos senhores dos lugares onde eram edificadas e por eles dotadas de bens económicos com que pudessem sustentar-se e assegurar o serviço religioso a prestar às populações locais.

Era assim a de Souzelas, uma povoação vizinha da cidade de Coimbra – “*baselica vocabulo Sancti Jacobi hic in illa nostra uilla de Sausellas*” –, que conhecemos por documento de 937. E dos finais deste século, do ano 991, é a de “*sancti Jacobi apostoli ... baselice edificada ... in villa Nandini*” (agora Santiago de Areias, Santo Tirso). As duas são hoje paróquias de Santiago. E várias outras sabemos que existiam já nos Sécs. s X e XI.

Embora, nesta época, houvesse uma grande imprecisão de linguagem, muitos destes templos chamados *ecclesias* seriam já paróquias, o que não acontecia com as *baselicas*. Mas nem sempre era assim. A “*ecclesia sancti jacobi*”, de que falam documentos de 1059 e 1088, referindo um pequeno lugar de culto jacobeu que existia no vale de Arouca, junto da “*villa oliuaria*” (isto é, de Santa Eulália)⁶, nunca viria a ser sede de paróquia.

Seja como for, concluir-se-ia depois, já na época da intensa peregrinação jacobea, que todos estes templos estavam implantados nos caminhos de aproximação a Compostela. Nem que não pareça. É o caso da última *ecclesia* que citei, a de Santiago de Arouca. Aparentemente perdida no meio de serranias, sabemos por um documento de 24 de Março de 1611 que recebeu o baptismo na igreja do não muito distante convento de Arouca uma filha de Diogo do Souto e de Isabel Gonçalves, naturais de Lisboa, que nasceu no hospital de Arouca, quando os pais regressavam da romaria a Santiago de Compostela⁷. Arouca era mesmo caminho de peregrinação a Compostela!

Falo de igrejas cuja dedicação a Santiago está documentalmente atestada. Mas muitas outras de invocação jacobea deveriam existir já no séc. XI, embora delas não nos tenha chegado notícia documental. É o caso da de Beduído (Estarreja), que deve remontar pelo menos ao séc. X, e da de Santiago de Paredes (Póvoa de Lanhoso), uma extinta freguesia que é hoje um lugar da de Santiago de Calvos (Póvoa de Lanhoso). Curioso que, no território desta última, está situada a célebre e medieval Ponte do Porto, que terá substituído uma outra mais antiga, romana, levantadas as duas no lugar onde existiu uma antiquíssima barca de passagem. Outro caso de freguesia jacobea antiquíssima é o de Santiago de Piães (Cinfães), cuja primeira notícia documental é de 1087: chamava-se então “*sancti Jacobi apostoli de Pelaiones*”.

Pode afirmar-se que, no séc. XI, em época, portanto, anterior à Nacionalidade portuguesa, havia já muitas paróquias de Santiago: poderão citar-se as de Carvalhais

6 *Portugalia Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*, nº 701.

7 COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, IV, Lamego: 1984, p. 454.

(S. Pedro do Sul), Cassurrães (Mangualde), Carvalhosa (Paços de Ferreira), Cristelo (Caminha), Picão (Castro Daire), Teivães (paróquia desaparecida e hoje integrada na de Antime, Fafe) e Santiago de Maças (hoje integrada em Besteiros, Tondela), Anha (Viana do Castelo), Bougado (Santo Tirso) e Faia (Cabeceiras de Basto). Mas esta lista não é completa.

De facto, logo depois da independência de Portugal, em 1140, restaurada a Diocese de Braga, com o Bispo D. Pedro, no ano 1071, foi elaborado, uns 10 anos depois, um *Censual da Diocese da Braga* que nos dá notícia de todas as paróquias existentes pro tempore Entre-Lima-e-Ave. Entre elas, ditas “*de Santiago*” são já referidas 39⁸!

Mas são muitas mais as citadas nas Inquirições de D. Afonso II (1211-1223), de 1220. E se compararmos estas Inquirições com as de 1258, de D. Afonso III (1248-1279), constataremos que cresceu muito, entretanto, quer a organização paroquial do território quer o número das paróquias dedicadas a Santiago. Globalmente falando, a divisão paroquial ajustava-se a um tempo novo e a novas necessidades. Assim, por exemplo, Santiago de Palme, citada nas Inquirições de 1220, daria logo a seguir origem a duas freguesias novas, a de Santiago de Aldreu e a de Santo André de Palme; pelo contrário, a de Santiago de Exate, citada em 1220, já não é referida em 1258; em seu lugar, surgiria também, no séc. XIV, uma nova paróquia, Feitos, igualmente dedicada a Santiago.

Nos séculos XIII e XIV, continuaria esta muito profunda redefinição paroquial, que se prolongou séculos adiante. Com ela, desapareceriam muitas paróquias de Santiago⁹,

8 No (actual) concelho de Amares: Caldelas, Goães e Vilela. No de Barcelos: Asnes (hoje dita Santiago do Couto), Sequiade, Cossourado, Santiago de Palme (freguesia que abandonaria este patronato mas de que nasceria a de Santiago de Aldreu), Vila Seca, Cambeses, Creixomil, Encourados, Magistroi (hoje Santiago de Carapeços) e Molnes (freguesia desaparecida, hoje um lugar da de Remelhe). No concelho de Braga: Fraião (ao tempo, Santiago de Lamações) e Priscos. No de Famalicão: Mouquim, Antas, Armofães (hoje integrada em Santiago da Carreira), Gavião, Molnes (depois chamada Santiago da Forca ou da Cruz), Outiz, Castelões e Ninães (freguesia extinta, hoje um lugar da de Requião). No concelho de Guimarães: Ronfe; no da Ponte da Barca: Sampriz e Vila Chã; no de Ponte de Lima: Gemieira (ao tempo chamada Santiago de Freiriz) e Poiães; no da Póvoa de Lanhoso: Calvos (freguesia desaparecida e hoje integrada em S. Gens de Calvos) e Provicola (hoje dita Santiago de Lanhoso); no da Póvoa de Varzim, Amorim; no de Santo Tirso: Santiago de Nandim (hoje Areias); no de Viana do Castelo: Anha e Castelo de Neiva. Finalmente, no de Vila Verde: Arcozelo, Atiães, Francelos (hoje integrada na de Santa Maria do Prado), Vila Chã e Sabariz.

9 É assim muito longa a lista das paróquias jacobeitas desaparecidas ao longo do tempo, embora por razões várias: Alenquer, Almofães (hoje integrada em Santiago da Carreira, Famalicão), Calvos (hoje S. Gens de Calvos Póvoa de Lanhoso), Covilhã, Echate (hoje em Feitos, Barcelos), Estremoz, Évora, Figueiredo (hoje em Oliveira, Famalicão), Frades (hoje em Edral, Vinhais), Francelos (hoje em Prado, Vila Verde), Guarda, Lagomar (hoje em Donai, Bragança), Louredo (em Sub-Arrifana, Penafiel), Maças (hoje na de Besteiros, Tondela), Marvão, Moldes (hoje em Remelhe, Barcelos), outra Moldes (hoje em Arcos, Vila do Conde), Monsaraz, Murça, Nave Redonda, Ninães (hoje em Requião, Famalicão), Óbidos, Olas (hoje em Inguais, Belmonte), Ourém, Paredes (Calvos, Lanhoso), Penamacor, Pesqueira, Pinheiro Velho (hoje em Pinheiro Novo, Vinhais), Portalegre, Rebordões (hoje em Infesta, Celorico de Basto), Sabugal, Santarém, Teivães (hoje em Antime, Fafe), Venda do Cepo (hoje em Trancoso) e Vila Viçosa, Santiago de Pinheiro Velho [hoje integrada na de Pinheiro Novo [civilmente Quiraz], Vinhais; Santiago de Lagomar, hoje em Donai, Bragança; e Santiago de Sabariz, hoje também Donai. E outras tantas em Vila Real: Santiago de Frades, hoje em Edral, Vinhais; Santiago de Vila Nova de Panóias, hoje em Folhadela, Vila Real; e Santiago do Monte, hoje em Nogueira da Montanha (Chaves).

mas outras novas nasceriam¹⁰. E muitas outras mudariam de nome¹¹. Entretanto, a sul do país, surgiram também novas paróquias, mas por influência directa da Ordem de Santiago: Alcácer do Sal, Almada, Entradas, Sesimbra, Tavira ou Vale de Santiago (Odemira).

Algumas abandonariam, entretanto, os seus primitivos oragos para se acolherem ao patronato do Apóstolo: é o caso, por exemplo, da de Nogueira (Vila Nova de Cerveira), que, da invocação de S. Cristóvão passou à de Santiago, da de Santa Lucrécia de Algeriz (de Santa Lucrécia para Santiago) ou da de Santiago da Moita, dedicada primeiramente a S. Cucufate, etc.

Contrariamente, já em tempo mais ou menos recente, algumas paróquias de Santiago abandonaram o padroado do Apóstolo para se acolherem à devoção mariana: assim os casos de Vale da Senhora da Póvoa (Penedono; antiga Santiago de Vale do Lobo), Sobradelo da Goma (Póvoa de Lanhoso; de Santiago para Santa Maria), Corujeira (Guarda; de Santiago para Nossa Senhora das Neves), Ourozinho (Penedono; de Santiago para Santa Maria) e Torre de Moncorvo (de Santiago para Nossa Senhora da Assunção). Entretanto, Oliveira (Póvoa de Lanhoso) balançou entre Santiago e S. Cristóvão, Vila Meã (Vila Nova de Cerveira) entre S. Paio e Santiago, e Castelões de Santiago (Tondela), que se acolheria à de O Salvador, abandonando a invocação jacobea primitiva.

As notícias que temos dos primeiros tempos da devoção jacobea em território português, antes ou depois da nacionalidade, não nos falam, porém, apenas de paróquias.

Há uma imensa série de testemunhos no domínio do património construído: pontes (uma mesmo dita “de Santiago”, em Couto de Ervededo, Chaves) e caminhos, fontes (Torre de Moncorvo, Santiago da Capela, freguesia do concelho de Penafiel, Oliveira do Douro, em Vila Nova de Gaia, Santiago de Ferreira, em Paços de Ferreira, etc)¹², inúmeros cruzeiros, imagens representando quer Santiago Apóstolo, quer o

¹⁰ Adeganha, Vila Franca do Deão, Álvaro, Amedo, Carralcova, Folhadela, Pinheiro de Coja, Santiago (de Armamar), Santiago de Provicole (hoje simplesmente Santiago, Póvoa de Lanhoso)... etc.

¹¹ Santiago de Trancoso passou a Santiago da Venda do Cepo e depois desapareceu mesmo; Santiago do Arrabalde da Ponte (de Leiria) originaria Santiago de Marrazes; Santiago de Belmir é hoje Santiago de Ronfe; Santiago de Farinha Podre, também chamada Santiago de Paipedrino, é hoje Travanca do Mondego; Santiago de Paus é Santiago de Vila Cova; Santiago de Magistroi é Santiago de Carapeços. Mas são muitas mais as que trocaram de nome. Aqui se indicam, primeiro, a velha designação, depois, a que se lhe seguiu e, caso se não trate de paróquia desaparecida, a que vigora ainda: Pedronhe - Besteiros, Asnes ou Tamel ou Couto de Cide - Couto (Barcelos), Nandim ou Landim - Areias, Vermoim - Carreira (Santo Tirso), Vila Chã - Carreiras de Santiago, Rodalho - Cendufe, Izeda - Coelhoso, Souto - Cristelo, Molnes ou da Forca - Cruz, Vila Nova (de Panóias) - Folhadela, Lamações - Fraião, Freiriz - Gemieira, Idanha - Junqueira, Provicole ou Provizola - Lanhoso, Paço de Sever - Paço (Moimenta da Beira), Fermentões - Pinheiro, Santiago das Vinhas - Sopo, Vale do Lobo - Vale da Senhora da Póvoa. Santiaguinho era o nome antigo da freguesia hoje dita Santiago de Sub-Arrifana, Penafiel: assim se distinguia da vizinha Santiago de Louredo, entretanto desaparecida.

¹² No caminho do peregrino, as fontes de água fresca e límpida são sempre uma bênção. Por isso abundavam, construídas muitas vezes propositadamente para ele. Assim, a Câmara de Guimarães, em sessão de 22 de Agosto de 1624, garantiu ao Hospital da Misericórdia da Vila uma “pena de água” para que este pudesse assistir convenientemente aos muitos peregrinos que por ali passavam, visto “esta vila ser de passagem para

Mata-Mouros, quer ainda o peregrino, belos nichos, como o de Escarigo (Figueira de Castelo Rodrigo), albergarias e mosteiros, como mais adiante direi, a heráldica, outro dos campos em que a peregrinação jacobea ficou bem testemunhada. Devem também ter-se presentes as Irmandades e Confrarias de Santiago, algumas ainda existentes. Mais ainda: a memória da devoção jacobea perdura muitas vezes na alma popular para além do imaginável e deu nome a cafés, a restaurantes e a muitos outros serviços comerciais, mesmo a estações de caminho de ferro (linhas férreas do Douro e do Vouga).

E não me refiro agora nem à etnografia (lendário, adagiário, romanceiro), nem ao mundo das festas e das feiras, nem ao da linguagem popular.

Outras vezes ainda, referências recentes a Santiago são claramente emanações de uma memória colectiva que atravessou os tempos: em Segirei (antigo curato da invocação de São Gonçalo de Amarante, hoje freguesia de S. Vicente da Raia, Chaves), aldeia por onde saía para Espanha o célebre “*caminho leonês*”, a devoção popular colocou recentemente um pequeno nicho jacobeu no muro de suporte da capela do lugar, e na Madalena, em Vila Nova de Gaia, levantou um outro no Largo de Aguiçim.

Mas há também as ermidas.

Notícias muito antigas, como já disse, referem a existência de pequenas basilicas dedicadas ao Apóstolo. Mas a maior parte das pequenas ermidas hoje ainda existentes foi construída a partir do séc. XVI, quando a peregrinação feita por território português era uma realidade indelével. Todas elas, praticamente sem excepção, estão situadas ao lado de caminhos mais ou menos importantes na peregrinação compostelana: a peregrinação potenciou a devoção popular. De facto, estas ermidas constituem o maior testemunho da popularidade da devoção jacobea continuada num tempo em que a peregrinação entrou em claro retrocesso, nomeadamente depois que a Reforma lançou suspeitas sobre ela, como de resto havia já preanunciado a *Imitação de Cristo*, ao dizer que “*qui multo peregrinantur raro sanctificantur*”¹³.

Pouco antes, em 1316, já Martín Pérez escrevera assim no seu *Libro de las Confesiones*, “*uma das obras que, dentro do género, mais circulou entre o clero ibérico durante o século XIV e a primeira metade do Século XVII*”¹⁴, traduzido para português em 1399, no *Scriptorium* de Alcobaça: “*... os que andam romarias muytas. Ca muyto som de castigar e de reprehender alguas romarias, ca muyto ben se perde en andar alguus caminhos, e se esfria a deuocão*”¹⁵.

S. Tiago da Galiza e S. Gonçalo de Amarante” (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães [para a frente, simplesmente AMAPG], 6º *Livro das Vereações da Câmara*, fl. s 53-54).

13 *Imitação de Cristo*, XXIII, 4.

14 MACHADO, José Barbosa - “*Introdução*”, in PÉREZ, Martín - *Livro das Confissões*, Tomo I, [Vila Real:] Centro de Estudos em Letras da UTAD, 2005, p. 10.

15 *Ibidem*, p. 197.

Bastante nesta consonância, haveria de pronunciar-se o *Tratado de Confissom*, editado em 1489, em Chaves, cidade e região de intensa passagem na peregrinação jacobea, tomando duas posições divergentes. Num lado, ao falar de faltas não especialmente graves (“outros pecados”), recomendou se fizesse penitência delas “*per esmola e per romarias*”; no entanto, pouco adiante, como que corrige o anteriormente dito: “*Muito se deve guardar o côfessor que os homens nem as mulheres, mãebos que os ño envie ãdar romarias pelo mundo; va por veer, [e] ouvir podem aginha pecar e fazerem pecar outros, mais deve lhe dar outras cousas em peendença assi como que vaam a igreja ouvir as missas e as horas e as pregações enquanto hi steverem digam o pater noster e a ave maria e outras orações com hos geolhos em terra*”¹⁶.

Falávamos de ermidas de Santiago em território português. Tenho notícia de 140 que, na sua maior parte, existem ou existiram¹⁷.

A finalizar, uma palavra breve para dizer que à devoção jacobea outras se foram naturalmente colando: as de São Roque e de Santo Amaro; as de São Gonçalo de Amarante e São Lázaro; ainda S. Cristóvão e Santo André.

A de São Gonçalo de Amarante foi certamente a que teve maior expansão: beneditino ou cônego regrante, peregrino, depois eremita, finalmente dominicano, diz a tradição que se dedicaria, no século XIII, à (re)construção da ponte de Amarante.

Sabedor dos perigos e dificuldades que todo o viajante e sobretudo os peregrinos tinham de vencer em suas andanças, e dados os riscos que se apresentavam a quantos em Amarante tinham de atravessar o rio Tâmega – ali existira uma ponte romana, então quase destruída e impraticável –, Gonçalo ter-se-á¹⁸ dedicado ao fabrico de uma nova ponte (ou reparação da antiga), que subsistiria até 1763, ano em que se desmoronou.

Entre os séculos XI e XV, a construção de pontes e calçadas era considerada, um pouco por toda a Europa, a obra de misericórdia por excelência¹⁹. Não admira, portanto, que, nomeadamente a partir do século XV, a fama de santidade de S. Gonçalo se tivesse espalhado por todos os lugares directa ou indirectamente ligados ao trânsito em geral e à peregrinação jacobea em particular, sobretudo onde havia ou era desejável que houvesse pontes. Dos caminhos e dos caminhan-tes e, em particular, das pontes se tornou S. Gonçalo de Amarante protector. E também das vítimas de fracturas, ocorrência muito frequente entre os viandantes de antanho.

16 *Tratado de Confissom*, Lisboa: INCM, 1973, pp. 192 e 198.

17 (Diocese de) Aveiro 7, Beja 1, Braga 9, Bragança 10, Coimbra 12, Évora 4, Guarda 4, Lamego 14, Leiria 3, Portalegre 3, Porto 21, Setúbal 11, Viana do Castelo 11, Vila Real 21, Viseu 13. Nesta contagem não se incluem “igrejas de Santiago”, nomeadamente as pertencentes à Ordem de Santiago.

18 Este condicional quer dizer que não está definitivamente provada a historicidade de São Gonçalo de Amarante, o que não acontece com o seu culto, a maior devoção portuguesa, pelo menos no Norte do país, depois da de Santo António de Lisboa. Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da - *São Gonçalo de Amarante, um vulto e um culto*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 1997.

19 Ver a este propósito ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - “Os Caminhos e a Assistência no Norte de Portugal”, in *Actas das 1. as Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, tomo I, Lisboa 1973, p. 39/57.

A devoção de São Gonçalo de Amarante, para além de aparecer muitíssimas vezes ao longo dos caminhos de Santiago, surge com frequência ao lado da do próprio Apóstolo²⁰. Sobretudo no séc. XVI, ombreou mesmo com a de Santiago, que poderá até, aqui e ali, ter suplantado: “*omnes deuotionis ergo Amarantum frequentius quam Compostellam non tam multum distantem petunt*”²¹.

II. O cuidado dos peregrinos

A partir do séc. XI, ressurgiu na Cristandade, e com rara violência, o problema da pobreza e dos pobres. O surto demográfico, o surgir de uma nova economia, o escândalo da riqueza e ainda as pestes e as fomes obrigaram a uma referência essencial ao Cristo *nu e crucificado* que por amor dos pobres se fez pobre (2 Cor 8,9), ele que não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8,20) e que dissera “*Assim como eu fiz, fazei vós também*” (Jo 13,15) e ainda “*reconhecerao que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros*” (Jo 13,35). Por tudo isto, num tempo em que o Estado não tinha ainda nem capacidade nem disponibilidade para o fazer, pouco a pouco, inspirada pela Igreja, começou a nascer na sociedade a consciência da necessidade de cuidar dos pobres. E por toda a parte uma notável acção caritativa começou a levantar hospícios, gafarias, albergarias e hospitais, pontes e “*barcas de por Deus*”²², depois misericórdias e confrarias, humanizando costumes e sublimando diferendos, atendendo aos pobres e marginais gerados pela violência de um tempo rude e ainda bárbaro.

Porque eram de difícil e dispendiosa execução, no Mundo antigo havia muito poucas pontes. Na Idade Média, as que vinham da romanidade estavam geralmente em ruínas. Os *pontífices* tornaram-se por isso o génio prático da Caridade, organizando verdadeiras campanhas a favor da sua edificação ou reparação. A maior parte foi levantada com esmoladas anónimas, vindas um pouco de todo o lado, agraciadas muitas

20 Alguns exemplos: em Alfândega da Fé há uma capela da invocação de São Gonçalo e Santiago; no lugar de Alvites da freguesia de Santiago de Alhariz (Valpaços) há uma Capela de S. Gonçalo; na igreja de São Gonçalo de Amarante há um altar de Santiago; em Castelo de Vide, na igreja de Santiago, há uma imagem de S. Gonçalo; em Chave, Arouca, há uma ermida de Santiago e uma imagem de S. Gonçalo na paroquial; no altar-mor da igreja paroquial de Santiago de Custóias (Matosinhos), estão, lado a lado, as duas imagens do Apóstolo e de São Gonçalo; no lugar de Fontes, de freguesia de Santiago de Soutelo do Vale (Vila Pouca de Aguiar), há uma capela de S. Gonçalo; na freguesia de Infesta, Celorico de Basto, onde existe ainda a velha paroquial de Santiago de Rebordões, há uma capela de São Gonçalo no lugar de Lamelas; a jacobéia Lenda da Cabeça tem muito a ver com a freguesia de Nabo (Vila Flor), que tem São Gonçalo por orago; na freguesia de Rio Douro, de Cabeceiras de Basto, há uma capela de S. Gonçalo no lugar de Vilela, e outra de Santiago no de Formigueiro; na antiga paroquial de Santiago de Francelos (hoje Prado, Vila Verde), há imagem de S. Gonçalo; acontece o mesmo na igreja paroquial de Santiago de Riba-Ul, Oliveira de Azeméis; junto da paroquial de Santiago de Vila Cova (Vila Real), há um curiosíssimo Cruzeiro de S. Gonçalo. Etc, etc.

21 SAMPAYO, Stephanus de - *Thesaurus Arcanus*, Parisiis: apud Thomam Perier, 1586, p. 154.

22 Uma das mais famosas barcas de “por Deus” da nossa Idade Média foi a das Caldas de Moledo (Canelas, Peso da Régua), instituída por D. Afonso Henriques. Nesse mesmo lugar, mas do outro lado do rio, na margem esquerda (Penajóia, Lamego), tinha já D^a Mafalda, sua mulher, instituído uma albergaria aonde se “albergarent ones qui ibi albergare vellent”.

delas com indulgências. Normalmente eram as ordens religiosas que orientavam as populações na resolução destas necessidades, chegando-se muitas vezes à criação de associações de “irmãos pontistas”. Outras vezes, eram os reis e os nobres que, por motivos religiosos e penitenciais, tomavam a responsabilidade da sua construção ou reparação. Na documentação medieval portuguesa, nomeadamente nos testamentos, aparecem inúmeras doações destinadas a pontes a edificar ou a reparar. Só nos 2 Volumes do Cartulário *Testamentos e Doações*, da Colegiada de Guimarães, registei 6 destinadas à ponte de Ourense, de 1229, 1263, 1267, 1269 (duas) e 1273, e muitas mais às diversas pontes do Entre-Douro-e-Minho.

Em Portugal, um caso a salientar é o da ponte de Canavezes, de origem romana, citada no *Itinerário* do imperador Antonino (138-161), que D. Mafalda (?-1158), mulher de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal (1128-1185), mandou restaurar. Esta antiga ponte teve muita importância na viação da Idade Média portuguesa, e concretamente no contexto das peregrinações a Compostela. Também por isso se levantaram nas suas imediações algumas instituições definitórias do tempo: a Albergaria e a Gafaria (leprosaria). De facto, Ponte ou Barca, Albergaria e Gafaria (leprosaria) constituíam uma verdadeira tríade muito frequente ao longe e ao perto, em Portugal e por toda a Europa, fruto da Caridade ao serviço do próximo.

“Eu, a rainha D. Mafalda, querendo fazer tesouro nos céus dando dos meus bens, tesouro que nem a ferrugem nem a traça poderão destruir, e querendo ganhar as folganças celestiais no lugar [em que] os bons dispensadores dos haveres seus reinarão com Jesus Cristo, como diz no Evangelho que diz “Vinde vós, bentos de meu Padre, arreceber o Magno [tesouro] que vos está aparelhado do princípio do mundo”, (...), faço carta de testamento ou de couto mui firme e por esta guisa.

Deixo o meu Paço de Canavezes que eu fiz e em que pousei enquanto mandei fazer a ponte de Sobre o Tâmega, a qual morada de Paços deixo por Hospital com os foros e rendas que eu hei naqueles lugares ... para se cumprir a obra que mandar que se faça no Hospital: esse dito Hospital será sempre limpo, bem coberto e com portas serradas, com camas em que possam jazer nove peregrinos, aos quais serão dadas rações ou de entrada ou de partida, e mais lume, água e sal; e finando-se algum dos peregrinos seja enterrado com três missas de sobre altar, e com pano, e será e seja dita na minha capela que está nos Paços meus uma missa em cada semana por minha alma. Do mesmo modo, haja no Hospital fornos; e não se coza pão em outros [fornos]; e [mando ainda] a quem tiver o cargo que assim se faça, [e se] cumprir fielmente, como é guisado, haverá o que ali remanescer por seu trabalho ... e [se] isto minguar ou desfizer haja a ira de Deus, não se levantará no Dia de juízo, e será maldito até última geração com outras muitas maldições”²³.

Com o tempo, porém, esta instituição, como muitas outras, degradou-se. A intervenção firme do rei D. Dinis, em Agosto de 1292, tentou pôr fim ao desmando:

“mando e outorgo que a barca e o couto de Moledo que deram meus avós por esmola por suas almas, para passagem desse lugar e para manter-se a albergaria, que se cumpra assim como foi

23 VASCONCELOS, Manuel de - *A Vila de Canavezes*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1935, pp. 48-49.

mandado. E eu e meus sucessores devemos dar essa barca e esse couto a quem o mantenha assim como dito é, e se porventura se assim não cumprisse, mando e outorgo que o bispo de Lamego que for pelo tempo o faça cumprir assim como foi mandado”.

Três anos depois, porém, a 20 de Junho, estando o mesmo D. Dinis em Lamego, soube que os casais e herdamentos dados pelos reis seus antecessores “para o porto de Moledo” e manutenção da albergaria dos pobres, eram coisas “mal paradas e alheadas, de guisa que se não faz aí nem pode fazer aquilo que se deve fazer e para que os ditos herdamentos foram dados”; por isso, determinou dá-los a Martim Mendes e Miguel Peres e aos seus descendentes, sob condição

“que eles lavrem ou façam lavar os ditos herdamentos e tirem os que forem alheados e plantem vinhas e mantenham as plantações em bom estado e conduzam a fruto e recebam pobres e mantenham o dito porto de barcas e passem os pobres que aí quiserem passar e não lhes peçam dinheiros nem lhos filhem ainda que os queiram dar, nem peçam dinheiro por passagem a outros homens, salvo se lhes eles quiseram dar de seu talante, os que forem ricos, e os pobres não dêem nada”²⁴.

Se, nos tempos mais recuados, albergaria e hospital eram sinónimos, com o tempo, hospital passou a designar uma casa de hóspedes que precisavam de cuidados de saúde. Os livros de assento destas instituições são muito importantes para se conhecer algo mais da peregrinação jacobea. É este um vasto campo de investigação a levar a cabo.

Num tempo em que a peregrinação a Compostela estava já em baixa, na primeira metade do séc. XVIII, no Hospital del Espíritu Santo y La Magdalena, de Vigo (que não era lugar de muita passagem dos peregrinos portugueses, diga-se), foram tratados entre 1724 e 1737, 106 peregrinos portugueses: 13 de Braga, 12 de Coimbra, 14 de Viana, 5 de Lisboa, 7 de Guimarães, 1 de Vila Nova de Cerveira, 11 do Porto, 3 de Ponte de Lima, 2 de Setúbal, 1 de Melgaço, e ainda 2 de Amarante e outros tantos de Vila do Conde, bem como mais 33 de origem não especificada. Estes nossos compatriotas foram assistidos neste hospital numa média de 11,7 dias cada um, embora Simão Lourenço ali tenha estado apenas dois dias a tratar-se de uma inflamação das pernas (saiu a 4 de Julho de 1728) e João António de Lisboa 29 (saiu a 3 de Abril de 1734). Os achaques mais frequentes tinham a ver com disenterias, febres e males de pernas.

Havia mesmo quem, a caminho de Santiago ou no regresso, desse à luz. Já atrás, referi um caso destes (1611); mas há notícia de um outro. Maria Antónia Soares, regressando do túmulo do Apóstolo com seu marido, deu à luz uma menina, no referido hospital de Vigo, em 12 de Novembro de 1734²⁵.

Acontecia também algumas vezes que, enquanto albergados ou hospitalizados, morriam peregrinos. Considerados ao tempo pessoas sagradas, tinham direito a

24 Torre Tombo, Chancelaria de D. Dinis, livro 2º, ff. 39v-40 e 108v-109.

25 Dados recolhidos de ALMEIDA, Ernesto Iglesias - *Caminos Portugueses a Santiago*, Vigo: Asociación Amigos de los Pazos, 1992, pp. 10-13.

enterro religioso e até a um lençol (“*pano*” - diz D. Mafalda) para nele ser embrulhado o seu cadáver. Assim,

*“En veinte y nueve dias del mes de Agosto de mil setecientos veinte y ocho años fue Nuestro Señor servido llevarse para si a Manuel Rodríguez marido de Christina da Fife termino de Viana Arzobispado de Braga Reino de portugal, el qual difunto venía del Apóstol Santiago, no recibio Sacramento alguno por morir de repente. Sepultose en el claustro de la Santa Iglesia Cathedral desta ciudad de Tuy a que asistieron los Curas. Dixosele vigilia y Misa”*²⁶.

Tal como Manuel Rodríguez, também Maria da Ressurreição, indo a caminho de Compostela, se acolheu ao Hospital de Pobres e Peregrinos da cidade de Tuy, onde viria a falecer:

*“En quinze dias del mes de Marzo de mill setecientos treinta y quatro años fue Nuestro Señor servido llevar para sy a Maria de la Resurrección morena y libre según consta del testamento de su amo Francisco Nuñez que el la dio por libre vezina que fue de la Ciudad de Evora Reino de Portugal. Y a la dha Maria de la Resurrección peregrinando al Apostol Sr. Santiago de Galicia se fallecio en el Ospital de los Pobres e Peregrinos de esta Ciudad de Tuy reino de Galicia, de enfermedad natural que Nuestro Señor fue servido darlle. Recivio los Santos Sacramentos necesarios y sepultose en el claustro de la Santa Iglesia Cathedral desta ciudad de Tuy a que asistieron los Curas y muchos capellanes de ella. Diosele vigilia y Misa cantada con todo de caridad”*²⁷.

Ao lado das pontes, havia muitas vezes uma gafaria, colocada sob a protecção de S. Sebastião ou de S. Lázaro (daí que se chamasse também *lazareto*), patronos dos empestados. Existem em Portugal, com certa frequência, ao longo dos velhos e mais utilizados caminhos jacobeus ou ao lado das pontes, ermidas de S. Lázaro que, por vezes, abrigam imagens de Santiago ou mesmo de São Gonçalo²⁸. Mas acontece também o contrário: ermidas de Santiago ou de São Gonçalo em que se se prestava também culto a São Lázaro.

São inúmeras, nos livros portugueses de Testamentos, as doações às gafarias.

Mas, para lá das barcas, das pontes e das leprosarias, havia também albergarias.

Uma albergaria disponível para todo e qualquer viandante –peregrino, mercador ou simples viajante– era uma bênção, quer fosse uma oferta da Caridade anónima ou fruto de uma iniciativa particular (assumida por esmola, por motivos penitenciais, ou na consciência clara de se tratar de uma obra de Misericórdia), quer visasse o lucro de quem a fundava e explorava. Em plena Idade Média, encontrar um lugar coberto, com palha seca que fosse, para poder passar a noite ao abrigo do relento, era coisa muito difícil. Basta ler os relatos de viagem ou de peregrinação para o perceber. Eram casas onde se juntavam peregrinos e rufias, ladrões e falsos pedintes, comerciantes de bons metais e mulheres de toda a espécie, gente sem escrúpulos ou séria,

²⁶ *Ibid.*, p. 17

²⁷ *Ibid.*, p. 17.

²⁸ É, por exemplo, o caso da capela de S. Lázaro que existe junto da ponte de Alfena (Valongo), também dita “de São Lázaro”, na qual existe uma imagem de São Gonçalo.

gente do povo e da nobreza, tudo. Em 1391, uma Carta²⁹ de D. João I endereçada a D. Fr. Álvaro Gonçalves, Prior do Hospital, especificava as penas que deviam ser aplicadas aos que abandonassem as estalagens sem pagar as despesas efectuadas, o que, portanto, devia ser frequente!

Por outro lado, em 1611, um polaco, Jacobo Sobieski, que peregrinou a Compostela por terra portuguesa, escreveu no seu Diário que, nas albergarias portuguesas, “os estalajadeiros são ladrões”:

*“las posadas, de dos o tres leguas de distancia unas de otras, que adornan este camino [de Lisboa a Sevilla] y proporcionan el descanso al viajero, carecen de comodidades, como de costumbre suelen ofrecerlas los hoteles, no tienen camas, ni colchones, etcétera y es preciso llevar todo consigo. El servicio de alimentos tampoco se puede comprar; quien quiere comer, es menester que se prepare él mismo su alimento. Los posaderos son ladrones: fuera de vestirse, adornar para la apariencia exterior, discurrir sobre las guerras y los monarcas, y con perjuicio al servicio propio de su estado, no saben nada más. Esa travesía de nuestro viaje fue la más fastidiosa, y no comimos otra cosa que conejos, que se crían allí en campo libre de una manera extraordinaria y son bastante sabrosos. Los posaderos se divierten en cazarlos y venderlos a sus huéspedes”*³⁰.

E Albani, peregrino italiano em 1743, escreveu assim:

*“... por la noche llegué más muerto que vivo a un pueblo llamado Ovar, a veinte millas de Oporto, donde conseguí un alojamiento en una miserable cuadra, pues no había hospital, donde no había ni siquiera paja y por la noche sufrí mucho frío”*³¹.

Em princípio, as albergarias não se destinavam só aos peregrinos, embora, quase sempre, fossem fundadas por motivos religiosos.

Em 1195, o alcaide Cerveira e sua esposa mandaram erguer uma albergaria em Reigoso (Oliveira de Frades), que perdurou até ao início do século XX:

“Ego Cerveira olim Colimbrie pretor et uxor mea Goína Jahannis fecimus Albergariam, et ecclesiam de Reigoso sacrari fecimus atque cautari in era millesima ducentesima tregesima tertia, mense Januarii; et pro animabus nostris eam Deo obtulimus, tali conditione ut nemo de progenie nostra ibi potestatem habeat, nisi solus Deus et omnes ibi benefactores. Dominicus presbyter sacravit”, diz assim uma inscrição latina existente no arco do cruzeiro da igreja.

Salientem-se os motivos religiosos que movem o casal nesta fundação – “*pro animabus nostris*” –, bem como o espírito de liberdade que querem garantir à instituição à semelhança da fundação de Cluny: “*nemo de progenie nostra ibi potestatem habeat, nisi solus Deus*”.

Mas algumas destas instituições não foram destinadas exclusivamente aos peregrinos pelos seus fundadores. O Torrão (Marco de Canavezes), por exemplo, “o deu ...

29 RIBEIRO, João Pedro - *Índice chronológico dos documentos ... da Ilustríssima Câmara da Cidade do Porto*, Porto: Publicações da Câmara Municipal, 1951, p. 91.

30 *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, traducidos del original y anotados por F. R., Madrid: Casa Editorial de Medina [1878], pp. 233-267.

31 ALBANI, Nicola - *Viaje de Nápoles a Santiago de Galicia*, Madrid: Edilán, 1993, p. 238

*El-Rei Dom Sancho o Primeiro, no ano de 1211, à Condessa D. Toda Palazim, mulher de Dom Rui Vasques, da família dos Barbosas, para que ela fizesse ali uma albergaria para amparo dos passageiros naquele despovoado, como fez*³².

Outras, sim, tinham em vista apenas os peregrinos in genere e os pobres. Assim, o rei Ordonho II de Leão (914-924), ao doar a vila rústica da Correlhã (Ponte de Lima) à igreja de Santiago de Compostela, no ano 915, prevenia que alguns dos seus bens deveriam ser destinados “*pro subsidio pauperum et peregrinorum*”³³. Em 951, o rei, também leonês, Ramiro II (930-951), no documento de doação da vila de Mellares (hoje por identificar) ao Mosteiro de Guimarães, vincou bem a obrigação com que ficavam os monges de cuidar dos “*hospitum, adveniencium, peregrinorum et pauperum*”³⁴.

Em Roças (Arouca), na Serra da Freita, mandou a rainha Santa Isabel construir uma albergaria para peregrinos, em 1280. Como conta Pinho Leal, havia uma pessoa encarregada de tocar uma buzina, de noite, para advertir os passantes na serrania de que havia ali uma albergaria, de modo que a ela se pudessem acolher, fugindo da neve e dos lobos³⁵.

A pensar exclusivamente nos peregrinos de Santiago, quantas instituições! Desde logo e à frente de todas, o hospital-albergaria de Vilar de Perdizes (Montalegre), talvez o maior e o mais imponente de quantos existiram em Portugal: “*Em Outubro de 1551, António de Sousa, capelão e fidalgo da casa do Duque de Bragança, e abade desta freguesia, instituiu e dotou o Hospital e Capela de Santa Cruz... Determinou que no dito hospital houvesse uma botica e que na dita casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tratassem nas suas doenças os peregrinos pobres de Santiago de Compostela...*” e outros³⁶. Mais tarde, o edifício foi aumentado – “*Hospital pera agazalho / dos Romr / de Santiago anno / de 1724*” –, o que diz da quantidade de peregrinos que por ali passavam no início do séc. XVIII.

Mas outras houve, e algumas bem antigas.

Maçãs do Caminho (Alvaiázere), por exemplo, tira o seu nome da albergaria medieval dita “*de Manzanis*”, já existente no tempo de D. Sancho I (1185-1211). Curioso que haja nesta aldeia uma pedra de armas com 5 vieiras. O chamado Hospital Velho de Viana do Castelo foi criado em 1459 para abrigar peregrinos de Santiago. A albergaria de Chaves foi fundada cerca do ano 1160 pela nossa já conhecida D. Mafalda, “*para os romeiros que passavam a caminho de Compostela*”³⁷.

Não se pode, portanto, estranhar que, em povoações de alguma dimensão, se multiplicassem estes hospícios. Em Guimarães, houve várias albergarias. A mais antiga

32 COSTA, António Carvalho da – *Corografia Portuguesa*, Vol. I, Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1706, p. 401 (a seguir somente *Corografia*).

33 FERREIRO – *ob. cit.*, II, Apêndice, pp. 85-87.

34 *Vimarais Monumenta Historica*, I, Vimarais, 1908, pp. 4-5.

35 LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, III, Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira, 1874, p. 230 (ver também *Ibid.*, VIII, 1878, p. 215).

36 A informação é do Abade de Miragaia - Pe. Pedro Augusto Ferreira (1833-1913) - transcrita de “*Vilar de Perdizes*”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 35, p. 822.

37 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, I, 2ª ed., Lisboa: Verbo, 1978, p. 222.

foi o Albergue do Anjo ou da Confraria dos Sapateiros, de 1315, que ainda no séc. XIX dava cama e lenha por três dias aos peregrinos pobres³⁸. Nesta mesma cidade, no séc. XIV, havia ainda a Confraria dos Alfaiates, na Rua Alcobaça, e, no seguinte, a Albergaria ou Confraria do serviço de Nossa Senhora, a Confraria de Santa Margarida e seu Hospital, a capela e Confraria de Santo Estêvão e a Albergaria de S. Roque³⁹. E, em Ponte de Lima, “em a dita villa se fizeram albergarias e hospitaes pera os romeos de Santiago em cujo caminho e strada ha dita vila esta e pera outros pobres e enfermos”⁴⁰; havia ainda em Ponte de Lima um hospital “fora da porta do Souto para os peregrinos e passageiros, que instituiu e dotou de bens D. Leonel de Lima, primeiro Visconde de Vila Nova de Cerveira”⁴¹. No Porto, a mesma coisa: houve o Hospital de Rocamador, o de Santo Ildefonso ou do Espírito Santo, o de Santa Clara, o Hospital-albergaria do Santo Espírito, o dos Palmeiros ou de S. Crispim e S. Crispiniano, o dos Ferreiros de Cima e os dois de Ferreiros de Baixo, um de Santiago e o outro de Santa Catarina, unidos posteriormente num só, o de S. Nicolau. Mas outros mais existiam⁴².

Quantos mais recolhimentos deste tipo se podiam citar⁴³!

Muitas instituições semelhantes se criaram a partir de ermidas de outras invocações e suas Confrarias. Foi assim em Riba de Âncora (Caminha), no lugar de Vila Verde, na capela de S. Miguel, onde os peregrinos de Santiago recebiam pão e tratamento de pés. Em Moledo (Caminha), na capela de Santo Isidoro, uma bela imagem de Santiago, que ali se conserva, deve ter pertencido a uma antiga albergaria de peregrinos que existiu ali perto. No rio Ave, junto a Esposende, a Confraria de Nossa Senhora do Lago, querendo prestar assistência a pobres e peregrinos, instituiu a famosa Barca do Lago, na qual se podia passar o Cávado, e, ali mesmo, fundou uma albergaria. Havia quatro barqueiros sempre prontos para atender aos viandantes, que deviam ser muitos. Os povos das redondezas contribuíam anualmente com meio alqueire de milho e outras dádivas para sustento dos barqueiros⁴⁴.

Como não podia deixar de ser, muitos mosteiros, na fidelidade às suas regras, dedicaram-se à obra de misericórdia que era acolher peregrinos. É muito curiosa uma afirmação da *Benedictina Lusitana*, falando dos inúmeros mosteiros que existiam no Entre-Douro-e-Minho:

38 CALDAS, António Ferreira - *Guimarães. Apontamentos para a sua História*, Vol. II, Guimarães, 1881, p. 226.

39 AZEVEDO, Torquato Peixoto de - *Memórias ressuscitadas da antiga vila de Guimarães*, Porto, 1845, p. 334.

40 Dito nas Cortes de Torres Vedras de 1441, citado por VENTURA, Margarida Garcez - *Igreja e Poder no século XV*, Lisboa: Colibri, 1997, p. 355.

41 *Corografia*, I, 1706, p. 197.

42 CRUZ, António - *Tempos e Caminhos*, Porto; Faculdade de Letras do Porto, 1973.

43 Vários especialistas contribuíram especialmente para este estudo. Entre eles, citem-se os nomes de Fernando da Silva Correia (*Origem e formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa: Henrique Torres Editor, 1944), José Marques (“A assistência no Norte de Portugal nos finais da Idade Média”, separata da *Revista da Faculdade de Letras do Porto - História*, II-VI [1989] 11-93) e Carlos Alberto Ferreira de Almeida (“Os caminhos e a assistência no Norte de Portugal”, in *Actas das 1as Jornadas luso-espanholas de História Medieval*, I, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1973, pp. 39-58). O Pe. Carvalho da Costa (*Corografia Portuguesa*) e Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*) dão conta de algumas mais, que existiam no seu tempo ou de que restava ainda memória. Mas muitas mais se poderiam citar.

44 VILLAS BOAS, Conde de - “A Barca do Lago”, in *Douro Litoral*, 3ª série, V (1949) 30.

“Na província de Entre Douro e Minho se viu um agregado de tantos mosteiros e de tantas estrelas neles, que com razão lhe podemos chamar Via Láctea da religião de São Bento de Portugal. Porque assim como a Via Láctea a que vulgarmente chamamos Estrela de Santiago (sic), segundo alguns dizem, consta de muitas estrelas tão juntas entre si que, confundindo-se a luz delas e unindo-se, fazem aquela parte do Céu mais clara e resplandecente, assim os mosteiros que se fundaram naquelas partes de Entre Douro e Minho foram tantos em número e estavam tão juntos uns dos outros que fizeram naquele sítio o Céu beneditino mais resplandecente que qualquer outro do Reino”⁴⁵.

Poderiam citar-se alguns mosteiros que, na peregrinação jacobéia, desempenharam um papel importante na assistência aos peregrinos: S. Romão de Neiva (Viana do Castelo)⁴⁶, Ganfei (Valença)⁴⁷, Carvoeiro (Viana do Castelo)⁴⁸, Pitões das Júnias (Montalegre)⁴⁹, Grijó, Serra do Pilar (ambos em Vila Nova de Gaia) e Moreira da Maia⁵⁰, Vilar de Frades (Barcelos)⁵¹, Pombeiro (Felgueiras)⁵², Ferreira (Paços de Ferreira)⁵³, o

45 SÃO TOMÁS, Frei Leão de - *Benedictina Lusitana*, II, Coimbra: Diogo Gomes de Loureiro, 1644, p. 407 (de seguida, apenas *Benedictina Lusitana*).

46 “A segunda coisa em que naquela casa florescia grandemente a observância da Santa Regra era a caridade pera com os pobres e peregrinos” (*Benedictina Lusitana*, II, 325).

47 “Tem [o mosteiro de Ganfei] cerca larga, e sobretudo largueza na caridade para com os pobres, hóspedes e peregrinos que continuamente a ela acodem por estar a Casa edificada junto à estrada real para Santiago” (*Benedictina Lusitana*, I, 421).

48 Por volta do ano 1100, o Abade deste mosteiro, Pedro Afonso, foi à Terra Santa, talvez acompanhando o Conde D. Henrique, “quando [este] foi em socorro dos conquistadores de Jerusalém”. Uma vez aí, “intentou ... fazer um furto não menor que de um tesouro celestial, qual era a cabeça do sagrado Apóstolo S. Tiago, e isto com intento de a reunir a seu sagrado corpo em Compostela”, para o que “teve licença e mandado de Deus especial”, preparando-se “com jejuns e orações”. Já de posse da relíquia, “partindo-se o Abade para Hespanha, ao passar por Carrión, corte da rainha Dona Urraca, mãe do imperador D. Afonso VII, ... esta princesa com alguma força lhe roubou a jóia tão preciosa, depositando-a em um mosteiro daquela vila. Porém, correndo alguns anos, foi restituída pela mesma rainha à igreja do Apóstolo S. Tiago de Compostela ... [a] preciosíssima e mui estimável relíquia que ao dito Abade do nosso mosteiro de Carvoeiro se deve” (*Benedictina Lusitana*, II, 110-111).

49 “Como todos os conventos, também este tinha de receber e apoiar os peregrinos de Santiago de Compostela, que vinham do vale do Cávado, rumo a Celanova, Santiago de Alhariz, Santo Cristo de Orense e Osseira” (FONTES, António Lourenço - “Convento de Pitões das Júnias”, in *O Comércio do Porto* de 1990. 07. 27).

50 Confalonieri, peregrinando a Compostela em 1594, dormiu em 26 de Abril no mosteiro de Grijó, em 27 no da Serra do Pilar, e, no dia seguinte, almoçou no de Moreira da Maia, todos eles mosteiros de cônegos regrantes agostinhos.

51 “A Freguesia he couto seu (seu, ie, do Mosteiro dos Monges Bentos de S. Salvador de Villar de Frades), compõe-se de quatro, a do Mosteiro, & de S. João de Areias, & de Santa Maria Madgalena, cuja renda são sessenta mil reis, applicada aos Romeiros de Santiago, que se extinguirão, & vem aqui (a Vilar de Frades) os fregueses, & a seguinte (a de Santiago de Encourados)” (*Corografia*, I, 1706, p. 317).

52 “Em seu ponto estava a caridade que o nosso glorioso Patriarca encomenda na Santa Regra para com os pobres e peregrinos no mosteiro de Pombeiro, ao qual acudia grande número deles, assim por o mosteiro estar junto à estrada pública que passa de Portugal para Castela, como também pela fama das esmolas que no dito mosteiro se faziam, a qual voava por todas as partes e bem justificada estava diante da presença do Arcebispo Primaz D. Martinho, IV do nome, pois [ele] uniu ao dito mosteiro 20 igrejas para poder continuar e satisfazer às obrigações de sua caridade para com os pobres e peregrinos” (*Benedictina Lusitana*, II, 63).

53 No território de Ferreira, embora na vertente da Serra de Santiago debruçada sobre Louredo, está uma capela (datada de 1585) de “Santiago da Serra” (verdadeiro santuário) que tem ao lado uma fonte de Santiago. No átrio da paroquial, igreja do antigo mosteiro, há uma pedra tumular de um peregrino de Santiago (?). “He deste Mosteiro (de S. Pedro de Ferreira) a Ermida de Santiago dos Milagres, em que Deos por intercessão deste Santo obra tantos, que excedem a fé humana” (*Corografia*, I, 1706, p. 377).

convento franciscano de Bragança⁵⁴, a Colegiada de Santa Maria de Guimarães, etc. Saliento que o etc é muito grande.

E havia ainda a atenção anonimamente prestada aos peregrinos. Conta o cronista de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), era ele ainda o Arcebispo de Braga, que “... *uns peregrinos que encontrou... eram sacerdotes e pobres, de nação italianos e passavam em romaria a Santiago. Mandou-os ir à casa onde se agasalhava ... assentou-os na cabeceira da mesa junto consigo e, como se cada um dos pobres fora a pessoa de Cristo, assim se fez seu trinchante, partindo com eles de tudo o que lhe punham diante*”⁵⁵.

Mas não só nos mosteiros: Na Quinta do Almeu (Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis), para além de uma sala sempre disponível ao acolhimento de peregrinos de Santiago, com lareira acesa, dava-se-lhes água e outros precisos⁵⁶. Na Granja (Penedono), havia também, “*na quinta da Picoula, ... [um] recolhimento de pobres, peregrinos e viandantes*”⁵⁷. E, na Quinta de Agrellos (Baião), os peregrinos jacobeus seriam especialmente tratados, até porque a capela era significativamente dedicada a Santiago!

As Confrarias de Santiago estavam também particularmente vocacionadas para o atendimento dos peregrinos. Assim, em Almalaguês (Coimbra), freguesia de invocação jacobea, existiu “uma albergaria muito antiga, fundada pela irmandade de S. Thiago”⁵⁸.

Salienta-se hoje devidamente a importância que Confrarias e Irmandades tiveram na sociedade europeia, e portuguesa em particular: elas garantiram de algum modo a assistência espiritual e mesmo material às populações e contribuíram, de muitas formas, também através das suas festas, para o fortalecimento e coesão do próprio corpo social. As de Santiago não fugiram à regra⁵⁹. Parece que, em Portugal, pelo menos nesta época, Confraria e Irmandade eram palavras sinónimas⁶⁰.

III. História da peregrinação em Portugal

A mais antiga notícia de terem estado em Compostela pessoas oriundas do actual território português é a que refere que aí se deslocaram, a 6 de Maio do ano 899, os

54 “... os seus (dos franciscanos) cronistas portugueses Fr. Marcos de Lisboa e Fr. Manoel da Esperança querem que ... tivesse o mesmo Padre S. Francisco fundado o Convento de Bragança, quando no anno de 1214 vindo da sua Romaria de Santiago de Galiza entrou por aquella cidade em Portugal” (António Pereira de Figueiredo, *Lusitania Sacra*, Códice da Série Azul da Bibl. da Academia das Ciências de Lisboa, nº 6, p. 201).

55 SOUSA, Frei Luís de - *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa: INCM, 1984, p. 391.

56 *Corografia*, II, p. 106.

57 COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, VI, Lamego, 1992, p. 435.

58 PINHO LEAL - *Portugal antigo e moderno*, I Lisboa, 1873, p. 143.

59 Será difícil ainda hoje fazer uma lista completa das Confrarias de Santiago que existiram ou existem em Portugal. Entretanto, aqui ficam apontadas algumas: Andrães (Vila Real), Antas (Famalicão), Amieira do Tejo (Nisa), Castelo Branco, Coimbra, Creixomil, Encourados e Frágoso (Barcelos), Ílhavo, Mondrões (Vila Real), Nespereira (Cinfães), Ponte de Lima, Póvoa de Varzim (na capela de Santiago), Santiago de Piães (Cinfães), Sé Catedral do Porto, Torre do Pinhão, Vila Chã (Vila Real) e Vila Real de Trás-os-Montes. Irmandades de Santiago existiram em Almalaguês (Coimbra), Alter do Chão, Cambeses (Barcelos) e Castelo de Vide (chamada Irmandade de Santiago dos Mercadores).

60 PENTEADO, Pedro - “*Confrarias Portuguesas da Época Moderna: problemas, resultados e tendências da investigação*”, in *Lusitania Sacra*, 2ª-VII (1995) 15-17.

Bispos Nausto, de Coimbra; Argemiro, de Lamego; Gomado, do Porto; Teodomiro, de Viseu; e um outro Argimiro, de Braga, para a consagração da segunda basílica de Compostela⁶¹.

No entanto, em tempos de luta e, portanto, de insegurança, só pouco a pouco a peregrinação se impôs e desenvolveu. Podemos mesmo considerar lendárias as primeiras notícias de peregrinos por terra depois portuguesa, como a que é veiculada por Carvalho Costa: a capela de “*Nossa Senhora da Graça de Penafirme –diz ele– dista da Vila (de Torres Vedras) três léguas e meia, e está situada junto do mar entre as Vilas da Ericeira e Peniche, três léguas distante de ambas. Fundou este convento Santo Ancirado Mártir pelos anos de 850, e o reedificou depois S. Guilherme, Duque da Aquitânia, quando veio em peregrinação a Santiago de Galiza*”⁶².

Certo é que, por 1063, o Bispo Sisnando, do Porto e o Abade da Colegiada de Guimarães acompanharam o rei Fernando Magno (c. 1017-1065) na peregrinação que fez a Compostela antes de empreender a conquista de Coimbra, a pedir a intervenção do Apóstolo: “*Dada a extraordinária importância estratégica desta cidade [de Coimbra], o rei [Afonso III] foi em peregrinação a Santiago de Compostela pedir a intercessão do Apóstolo, antes de começar o cerco da cidade a 20 de Janeiro de 1064. Acompanharam-no sua esposa Sancha, os bispos de Santiago, Lugo, Mondonhedo e Sesnando do Porto, os abades de Celanova e de Guimarães e muitas outras pessoas notáveis. (...) Ao fim de seis meses, Coimbra, rendida pela fome, entregou-se a 9 de Julho, véspera de S. Cristóvão.... Depois da conquista de Coimbra, Fernando Magno e Sesnando, governador da cidade e região, foram a Compostela agradecer ao Apóstolo tão importante vitória*”⁶³.

O Bispo D. Pedro (1070-1091), de Braga, já citado a propósito do famoso *Censual*, foi também a Compostela, após a restauração da sua diocese, para ali participar num Concílio Provincial, realizado em 1075.

Várias vezes ainda se terá deslocado também ali D. Hugo (1112-1136), “*o antigo arcebispo de Compostela, depois bispo do Porto, ... para ver o seu amigo D. Gelmirez e rezar junto do sepulcro do apóstolo*”⁶⁴.

Na Páscoa de 1211, estiveram em Compostela os Bispos Soeiro (1205-1229), de Évora, Soeiro Viegas (1210-1232), de Lisboa, e Pelágio (1211-1246), de Lamego⁶⁵.

Os primeiros peregrinos compostelanos “*uenientes causa orationis*” foram, por finais de 1097, o Conde D. Henrique (?-1112) e sua mulher Dona Teresa (c. 1092-1130), filha ilegítima de D. Afonso VI de Leão (1073-1109), como consta de um

61 FERREIRO - *ob. cit.*, II, 1899, Apêndice, p. 51.

62 Corografia, III, p. 16. Sobre quem seja este S. Guilherme de Aquitânia, ver GONZÁLEZ-PARDO, Isidoro Millán - *Don Gaiferos de Mormaltán Historicidad y tradicionalidad*, Santiago de Compostela: Follas Novas, 2010.

63 COSTA, Avelino de Jesus da - *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, I, 2ª ed., Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 1997, p. 198.

64 MARTINS, Mário - *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957, p. 117.

65 BRAGA, Alberto Vieira - “*Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*”, Guimarães: Separata da *Homenagem a Martins Sarmiento*, 1933, p. 417.

documento de confirmação da doação do couto da Correlhã à Igreja de Santiago da Galiza, datado de 9 de Dezembro daquele ano⁶⁶.

Certamente que pela mesma razão peregrinaram também a Compostela alguns dos nossos primeiros reis. D. Afonso II fê-lo em 1220 e D. Sancho II, eventualmente, em 1244⁶⁷.

Mas, por esta altura, havia já muitos outros peregrinos jacobeus portugueses de outras classes. Em 1173, Fernando Dias, no testamento que ditou antes de partir com “*meus irmãos e irmãs in terra de Galecia*”, deixou indicações precisas sobre o destino a dar aos seus bens⁶⁸.

Nas Inquirições de 1220, o pároco do mosteiro da Várzea (Barcelos)⁶⁹ informa que só tinham comparecido a declarar 4 dos 6 chefes de família da freguesia, porque “*duo ... sunt ad Sanctum Jacobum*”!

Entretanto, começava a prática da peregrinação “*por substituição*”.

Em 1263, João Diogo dizia em testamento que queria ser sepultado na igreja de Santiago de Guimarães e destinava uma certa quantidade de dinheiro a quem fosse por ele a Santiago da Galiza, bem como uma outra para diferentes pontes, entre as quais a de Ourense⁷⁰.

Em 1269, Domna Dominica Joannis destinava “*homini, qui vadat pro me ad Sanctum Jacobum sex libras, et quatuor libras pro offerta*”⁷¹.

Ilvira Soares, em testamento de 28 de Abril de 1290, deixava “*a quem vá por mim a São Tiago de Galiza hum moravid e meyo*”⁷².

Em 1350, registava assim Nicolau Giraldes, mercador de Guimarães: “*mando às igrejas de São Payo de Guimarães, de São Tiago e de São Miguel do Castello [de Guimarães], vinte soldos pera azeite. Item mado aos pobres de todellas albergarias e hospitais de Guimarães e do Castello vinte vinte (sic) soldos a cada hua albergaria e hospital e que os partão logo por elles. Item mando que dem a cada hua das ditas albergarias, e hospitais dez dez (sic) soldos pera ajuda de Roupa, em que durmão os pobres*”; “*Item mando que pello meu auer enuiem hum homem a Santa Maria de Recamador que van alo por mim em Romaria e mando alo dizer hua missa e ponha hi hua candea, e hua obrada por mim e fassa certo por escritura publica como ala foi. Item mando que pello meu hauer inuiem outro homem a São Tiago de Galiza, e mandem alo dizer outra Missa e ponhão hi outra candea, e obrada por mim*”⁷³.

De facto, tornava-se muito corrente em Portugal esta prática da peregrinação por substituição, destinada sobretudo a Jerusalém, Roncesvales e Rocamadour, para

66 FERREIRO, II, 1900, Apêndice, p. 41.

67 MORENO, Humberto Carlos Baquero e MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira - “*Figuras de la Realeza Portuguesa en peregrinación a Santiago*”, in *Santiago, Camino de Europa*, Xunta de Galicia, 1993, pp. 107-108.

68 AMAPG - *Testamentos e Doações*, II, p. 199v.

69 Havia, na altura, três paróquias ditas da Várzea: a do mosteiro, a de Santa Eugénia e a de São Jorge.

70 AMAPG - Pergaminho XXXI.

71 AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, p. 354.

72 AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, p. 148v.

73 AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, Doc. n.º 70, pp. 114 e 116v.

além de Compostela, evidentemente, bem como a santuários portugueses, como pode ver-se em vários testamentos que chegaram até nós.

Mas, no fim da Idade Média, a peregrinação jacobea conhecia já grande intensidade. Tanta que, logo no séc. XII, o célebre *Missal de Mateus* sentiu necessidade de incluir uma *Benedictio baculi* dos peregrinos que partiam em peregrinação: “*Recebe este bordão. Ele te sirva de ajuda nos esforços e dificuldades do caminho, com ele possas vencer os obstáculos e chegar em segurança ao túmulo do Apóstolo bem como a outros lugares por que passes no trajecto, e regressar com alegria depois da peregrinação que te propões*”⁷⁴.

Em termos genéricos, a intensidade da peregrinação em geral e, podemos concluir, da jacobea em particular, era tal que, já fins do séc. XIII, para atalhar a alguns efeitos negativos que ela provocava, o Sínodo de Braga de 1281 mandava: “*Quod clerici non eant in peregrinationem, extra regnum, vel ad studium sine licencia. Item [prohibemus sub pena excommunicationis] quod nullus clericus beneficiatus uadat in peregrinationem extra regnum uel ad studium sine nostra licencia*”⁷⁵. Era a velha questão do absentismo pastoral, que, ao longo de toda a Idade Média, não parou de crescer.

Entre todos os peregrinos portugueses, avulta a Rainha Santa Isabel (1270-1336), que se deslocou a Compostela duas vezes. A primeira em 1325, no mesmo ano em que morreu seu marido, o rei D. Dinis (1279-1325), na qualidade de rainha viúva. Feita a pé a última etapa do caminho, ofereceu à catedral compostelana as mais valiosas dádivas. O Arcebispo, por sua vez, ofereceu-lhe uma esportela e um bordão “*de seis palmos e meio e coberto de placas de latão dourado e trabalhado com conchas de Santiago*”, com que foi sepultada. Voltou ali, 10 anos depois, em 1335, de forma muito mais discreta, peregrina humilde e sem aparato exterior; sendo embora já uma religiosa de 64 anos de idade, “*pedibus et ivit et rediit*”⁷⁶. Estas duas viagens de peregrinação da Rainha Santa ficaram indelevelmente marcadas na memória colectiva portuguesa: no norte do país, é difícil encontrar uma paróquia de Santiago que não reivindique que ela passou por ali!

Mais tarde, em 1489, Dona Filipa (c. 1435-1497), dita de Odivelas, filha do Infante D. Pedro e neta de D. João I, tia ainda da Princesa Santa Joana, depois de ter prometido “*ir ao jubyleu de Sanctiago que esse mesmo anno era e corria, determynou partyr e ir logo com toda sua gente que trazia. E assinado ho dia e espidindo sse ..., partyo sse pera sua Romarya*”. Escrevia assim uma companheira de religião de Santa Joana, Sor Margarida Pinheiro, na *Crónica* da fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro⁷⁷.

De devoção terá sido ainda a peregrinação que o rei D. Manuel I (1495-1521) fez, em 1502, acompanhado, entre outros, de D. Pedro Vaz Gavião, bispo da Guarda

74 *Missal de Mateus*, edição de Joaquim O. Bragança, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, p. 706.

75 *Synodicon Hispanum - II Portugal*, Madrid: Bac, 1982, pp. 15-16.

76 MORENO - *ob. cit.*, pp. 109-112.

77 Citado de MARTINS, Mário - *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957, p. 121.

(1496-1516)⁷⁸. Aproveitando a viagem, visitou inúmeras vilas e cidades: em Coimbra, mandou construir o túmulo de D. Afonso Henriques; no Porto teve uma recepção entusiástica; em Azurara, mandou construir a igreja paroquial, tendo feito outro tanto em Vila do Conde; em Braga venerou o túmulo de S. Martinho de Dume⁷⁹ e, ao passar em Arcos de Valdevez, concedeu-lhe foral⁸⁰. Chegado a Compostela, ofereceu ao Apóstolo uma lâmpada de prata, grande e de muita perfeição. O seu sucessor, D. João III, mandá-la-lhe limpar e reparar⁸¹.

Não sei se influenciado pelo pai, peregrinou também a Compostela, em 1549, D. Luís (1506-1555), filho de D. Manuel I e pai de D. António, Prior do Crato, “*que sempre será nomeado com saudade de todo bom espírito, e com queixa e mágoa de lhe não cair nas mãos um grande império*”⁸², acompanhado do pintor Francisco da Holanda (1517-1584)⁸³.

Apesar dos estragos que o Humanismo fazia na peregrinação a Compostela, há notícia de alguns grandes vultos portugueses do séc. XVI junto do túmulo compostelano. De facto, a peregrinação à Galiza, em 1533, serviu a Damião de Góis (1502-1574) de ocasião para se escapar de Lisboa, onde D. João III o queria como tesoureiro da Casa da Índia, mas onde ele teve prenúncios do que lhe viria a acontecer.

Logo a seguir, foi a vez do flamengo e notável humanista Nicolau Clenardo (1493?-1542), chamado a Portugal como professor do futuro Cardeal D. Henrique, também rei de Portugal (1578-1580). Foi isto em 1537⁸⁴.

Em 1543, demandava Compostela o jesuíta Melchior Carneiro (1516-1583), missionário na Etiópia⁸⁵.

Claramente “*oratinis causa*”, peregrinou ainda ao túmulo de Santiago o futuro S. João de Deus (1495-1550), quando, depois das campanhas de Áustria (Carlos V), voltou a Montemor-o-Velho, sua terra natal. “*A romagem que fez a Compostela no ano de 1553 causou nele uma profunda impressão mística*”⁸⁶. Depois desta primeira peregrinação, uma segunda, ao santuário de Guadalupe, levá-lo-ia à decisão de se entregar ao serviço dos pobres.

Pouco depois, peregrinou também a Santiago o futuro mercedário Gonçalo Dias de Amarante (1548?-1618), cujo processo de beatificação tramitou devidamente em Roma, mas nunca foi concluído. Natural de Folhada (Marco de Canavezes), às voltas com o problema da sua vocação, “*antes de resolverse, dispuso el consultarlo con Dios por medio de la oraciõ, y intercessiõ de el Apostol Santiago; y assi concerto con ellos esta deuota romeria (...)* En todo este camino ayunò cõ grã austeridad, passando muchos dias solo cõ pan,

78 SILVA DIAS, José Sebastião - *A Política Cultural de D. João III*, I, Universidade de Coimbra, 1969, p. 185.

79 CUNHA, D. Rodrigo da - *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, I, Braga: Manoel Cardozo, 1634, p. 326.

80 *Corografia*, I, pp. 196 e 207.

81 BRAGA - *ob. cit.*, p. 423.

82 SOUSA, Frei Luís de - *A Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa: INCM, 1984, p. 695.

83 BRAGA, *op. cit.*, p. 423.

84 CEREJEIRA, M. Gonçalves - *O Renascimento em Portugal, I - Clenardo*, Coimbra, 1974, pp. 118-119.

85 BRAGA, *op. cit.*, p. 423.

86 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, IV, Lisboa: Verbo, 1979, p. 406.

*y agua: pró no sentia la fatiga, por ir la mayor parte del camino dado gracias a Dios, mouido por la variedad de aues, plantas, y animales, que veia en aquellos câpos, cõbidãdo muchas vezes a los cõpañeros, para que le ayudassen a las alabãças de Dios*⁸⁷. Neste verdadeiro exercício espiritual se decidiu o antigo pastor e depois marinheiro a entregar a vida ao serviço dos pobres, no Perú.

Entrado o séc. XVII, há notícia de outros peregrinos: D. Martim Afonso de Melo, Bispo de Lamego (1599-1613), o Visconde de Ponte de Lima e o Núncio Apostólico em Portugal Gaspar Albertoni (1609-1614), todos em 1610, bem como o Núncio que lhe sucedeu (1614-1620), Octavio Accoramboni, em 1615⁸⁸.

Era tão intensa a peregrinação nesta altura que diversos Cabidos catedralícios ou colegiais, para evitar abusos, estabeleceram que os seus cônegos podiam deslocar-se a Compostela sem perda de suas rações mas com tempo limitado. Assim era em Évora e assim aconteceu em 1555 e 1572, respectivamente, com Gaspar Barreiros (?-1574) e Paio Rodrigues de Vilarinho (?-1580), conhecidos humanistas e ambos cônegos da Sé daquela cidade⁸⁹. Por decisão de 13 de Julho de 1588, os Cônegos de Coimbra tinham também 40 dias de licença para peregrinarem a Santiago e outros tantos a Monserrate (Catalunha). Porém, entre cada peregrinação, haviam de mediar quatro anos⁹⁰.

Mas isto mudaria. Quando, em 1640, Portugal reconquistou a independência perante Castela e já quase nada do que era espanhol tinha boa fama, o Cabido de Lamego apontou aos seus cônegos que as romarias a Compostela e à Senhora de Guadalupe podiam ou deviam ser comutadas pelas da Senhora da Lapa ou de São Gonçalo⁹¹. Mas a sugestão da comutação não resultou na prática: por determinação de 17 de Novembro de 1717, dizia-se-lhes já claramente que, para irem a Santiago, dispunham de novo de 30 dias⁹², sem perda de honorários. E o mesmo acontecia com os da Colegiada de Santa Maria de Guimarães.

Falámos da peregrinação “*orationis causa*”. Mas outros portugueses terão ido ao túmulo de Compostela por outras razões.

Em 1336, ao lado de seu Pai, o rei D. Dinis, na luta que este travou com o filho e herdeiro, o futuro D. Afonso IV, o Conde D. Pedro de Barcelos (c. 1280-1354) viu-se obrigado a invadir a Galiza contra as armas de Afonso XI de Espanha (1311-1350). Aproveitou então para visitar Compostela.

Aconteceu também que estrangeiros vários, depois de visitarem Compostela, no regresso, atravessaram Portugal; e o contrário também: deslocando-se a Portugal, demandaram depois Santiago de Compostela. Alguns fizeram-no mesmo “*orationis causa*”.

87 COLOMBO, Fray Felipe - *Vida del Siervo de Dios Fray Gonzalo Diaz de Amarante*, Madrid: António Gonçalves de Reyes, 1678, pp. 15-16.

88 BRAGA, *op. cit.*, pp. 423-424.

89 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, III, Lisboa: Verbo, 1978, p. 338, citando PEREIRA - *Documentos históricos da cidade de Évora*, II parte, Évora, 1887, p. 179.

90 SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, IV, Lisboa: Verbo, 1979, p. 400.

91 COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, I, Lamego, 1977, p. 259, nota 2.

92 *Ibid.*, V, 1986, p. 171.

Foi o caso de D. Edme de Saulieu, Abade de Claraval, que, viajando para Portugal de visita aos mosteiros cistercienses portugueses do ramo de Claraval, então em risco de quebrarem a união à casa-mãe, passou em Compostela a 22 de Junho de 1531, apressado, pois logo se dirigiu para Lisboa a solicitar a D. João III a necessária autorização para as visitas a efectuar. Acompanhado do seu secretário, Claude de Bronseval, seria este a escrever o diário desta *Peregrinatio Hispanica*, que, de resto, nem sempre fizeram os dois em conjunto⁹³.

Foi ainda a Compostela o militar polaco Erich Lassota de Steblovo, que, ao serviço do exército espanhol, andaria em Portugal ao tempo das lutas entre Filipe II e D. António Prior do Crato. Em 1581, a pé, peregrinou de Lisboa a Santiago, viagem que deixou registada no seu *Diário*⁹⁴.

Peregrinou também por terras portuguesas, de Lisboa a Santiago, o embaixador veneziano na corte madrilena de Filipe II, Bartolomé Bourdelot. Chegado a Lisboa em 1581, dirigiu-se a Compostela, em cumprimento dum voto feito ao Apóstolo durante uma tempestade em que se viu envolvido, quando o barco em que viajava atravessava o Golfo de Lyon⁹⁵.

A terminar o século XVI, em 1594, o grande relato da peregrinação que Fabio Biondo da Montalto, Núncio papal em Portugal (1592-1596); escreveu-o o seu secretário, o Padre Confalonieri⁹⁶.

Domenico Laffi, um sacerdote bolonhês, grande devoto de Santiago que tinha já peregrinado a Compostela três vezes (1666, 1670 e 1673), sempre a pé e vestido de peregrino, faria, em 1687, uma última peregrinação, mas desta vez a Lisboa, à casa natal de Santo António. Uma vez ali, não resistiu, entretanto, e empreendeu uma quarta peregrinação a Compostela⁹⁷.

Noutros peregrinos de que há notícia certa terá pesado como motivo da sua peregrinação mais a curiosidade que a devoção.

Em 1428, estava em Portugal, ao serviço do Duque da Borgonha, para quem pintou retratos da Infanta D. Isabel, filha de D. João I, com quem o nobre francês viria a casar, o pintor flamengo Jan Van Eyck (1385?-1441). No ano seguinte, 1429, partiria de Lisboa para Compostela em peregrinação.

93 Sobre a viagem de Bronseval, ver COCHERIL, P. Maur - "Le Portugal et la "peregrinatio Hispanica" de frère Claude de Bronseval", in *Revista Portuguesa de História* (Homenagem ao Prof. Pierre David, Vol 1), Coimbra, 1955, pp. 169-216.

94 *Ibid.*, pp. 93-233, nomeadamente, 130-135.

95 SAUCKEN, Paolo G. Caucci von - "La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos", in (Actas do) *I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa: Távola Redonda, 1992, p. 246.

96 CONFALONIERI, Juan Bautista y MELÉNDEZ, Juan M. López-Chaves - *El Camino portugués*, Vigo: Amigos de los Pazos, 1988.

97 Ver CUSATIS, Brunello de - *O Portugal de Seiscentos na "Viagem de Pádua a Lisboa" de Domenico Laffi*, Lisboa: Presença, 1998; VON SAUCKEN, Paolo G. Cauci - *Las peregrinaciones italianas e Santiago*, Santiago de Compostela: Porto y Cía, 1971; ID. - "La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos", in [Actas do] *O Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa: Távola Redonda, 1992.

O mais antigo relato de uma peregrinação compostelana feita por terras portuguesas é o do alemão Nicolau Lanckman de Valckenstein, capelão imperial, que, em 1451, integrou a embaixada enviada a Lisboa celebrar os esponsais do imperador Frederico III da Alemanha com D. Leonor de Portugal, filha de D. Duarte e de Dona Leonor. Antes de entrarem em Portugal, “os embaixadores, em trajes e figuras de peregrinos”, entre os quais Nicolau, passaram em Compostela⁹⁸.

Poucos anos depois, em 1466, Leão de Rozmítal, cunhado do rei da Boémia Jorge de Podiebrad, no seguimento de uma longa e cavalheiresca viagem pela Europa ocidental, entrou em Portugal, na demanda de Compostela, pela Cova da Barca, junto ao rio Douro, vindo certamente de Salamanca⁹⁹.

Dirigiu-se também a Compostela Nicolau de Popielovo (ou von Popplau), natural da Silésia, da cidade de Breslau (Wroclaw), onde nascera em meados do séc. XV, que foi um viajante incansável, apesar dos seus graves problemas de saúde. Em Junho de 1484, embarcou dos Países Baixos (Antuérpia) para Compostela, onde chegou a 21 de Julho. Daí, baixou a Lisboa¹⁰⁰.

Viagem bem mais conhecida que a anterior é a que o alemão Jerónimo Munzer, fez de Inglaterra à capital portuguesa, e daí a Compostela, em 1494. Grande viajante e cientista alemão do séc. XV, particularmente interessado pelas navegações portuguesas, Munzer veio a Portugal falar pessoalmente com D. João II (1481-1495) sobre o assunto. Viajou de Sevilha para Lisboa e daí seguiu para Compostela¹⁰¹.

Em 1577, no fim da sua visita a Compostela, o *pelegrino curioso* das *Grandezas de Espanha*, Bartholomé de Villalba y Estaña, desceu a Lisboa. Por ser praticamente desconhecido em Portugal, aqui fica o trajecto deste interessado viajante:

Valencia de Miño, Pontellima, Braga, San Gonzalo de Maranta, Santo Tirzio, Porto, Villanova “*que el rio [Duro] la departe de la ciudad*”, Corvales (Carvalhos), Regina (Grijó: “*que en su iglesia [los canonigos reglares] tienen sepultados un infante, y una infanta de Portugal, al cual infante dizen mandó matar su hermano*”), Águeda, Urbatán del Camino (Avelãs do Caminho), Coimbra, Nache (Cernache), Condeja, Rabasal, Alvayazere, Tomar, Punhete (hoje Constância), Tancos (“*allí se embarcó ... á desembarcar á Santarém [a visitar el Santísimo misterio del Santo Miracle*”¹⁰²]), Almeirim, Lisboa,

98 Ver o relato desta viagem in *Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha*, edição do texto latino e tradução de Aires A. Nascimento, Lisboa: Cosmos, 1992.

99 O relato desta viagem a Compostela, feito por um dos seus companheiros, Schaschnek, foi publicado no Suplemento ao *Mapa de Portugal*, de João Baptista de Castro, Lisboa, 1870, pp. 36-55. Ver ainda a este propósito MATOS, Gastão de Melo de - “*Itinerário de Leão de Rozmítal (1466)*”, in *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, XI-I (1964) 116-127.

100 Relato in *Viajes de extranjeros por España y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII*, Madrid: Casa Editorial de Medina, 1878, pp. 9-65.

101 *Ibid.*, pp. 179-180.

102 Esta igreja “do Milagre” citada por Estaña era tão importante que obrigava muitos peregrinos de Santiago vindos do Além Tejo a um desvio na sua rota jacobea. Fr. Baltazar de S. João, dominicano do séc. XVI, noticia a história do peregrino castelhano que, de volta de Santiago, foi miraculado em Santarém, por invocação de Fr. Gil de Santarém (1155 ou 1185?-1265): “... disse finalmente que fora cumprir um voto seu ao Apóstolo de Compostela e, voltando depois a casa por Portugal, dormira uma das noites num vale, mas que ao levantar-se de manhãzinha

Aldea Gallega (hoje Montijo), Montemor (o-Novo), Évora, Villa Viciosa, Vila Boim (Villabuy) e Elvas.

Estaña, referindo-se a Vila Nova (de Gaia) e ao mosteiro da Serra do Pilar, registou assim:

“... Villanova, que el río la departe de la ciudad, ..., villa [que] es apacible y de muchos entretenimientos ... (uma nota explica: “Quizá entretenimientos este aquí usado en sentido de empleos ó plazas remuneradas. Gentil-hombre entretenido llamaban al que cobraba entretenimiento, es decir, manutención, sustento, pension ó sueldo del Estado”). Hay en ella un monasterio de monjas que llaman Fidalgas, por damas, muy principal, de donde nuestro peregrino sacó cien regalos para su jornada.

... el Pelegrino otro día subió á San Agustin, monesterio de cononigos [sic] reglares, casa con dos claustros muy buenos, y linda iglesia, que tendrá al pié de treinta religiosos muy observantes. ... Está la casa en alto, aunque cerca de la ciudad...”¹⁰³.

Em 1669, o Grão-Duque da Toscana Cosme III de Medicis (1670-1723), acompanhado de grande séquito, iniciou uma viagem a Compostela, talvez para fugir à moléstia do seu viver familiar e ao tédio do palácio florentino. Chegou ali em Março do ano seguinte, 1670, depois de ter entrado em Portugal, por Badajoz. Desta viagem há dois relatos, ambos escritos por acompanhantes seus, Corsini e Megalotti. Muito diferentes, deixaram-nos os dois, no entanto, preciosas informações e impressões do geográfico ao costumeiro, passando pela arte e pelo mundo religioso¹⁰⁴.

Em 1736, empreendeu uma viagem a Compostela, e digo bem viagem, que não peregrinação, um catedrático de Matemáticas da Universidade de Salamanca, Diego de Torres Villarroel (1694-1770), um personagem meio pícaro, meio intelectual. Para se aquilatar dos maus tratos que levava já a peregrinação àquele tempo, atente-se no que da sua viagem conta Villarroel:

“Fue el más penoso que hice [el voto] de ir a pie a visitar el templo del apóstol Santiago, y fue sin duda el más indignamente cumplido, porque las indeventas, vanas y ridículas circunstancias de mi peregrinación echaron a rodar parte del mérito y valor de la promesa. Salí de Salamanca reventado de peregrino, con el bordón, la esclavina y un vestido más que medianamente costoso. Acompañábame don Agustín de Herrera, um amigo muy conforme a mi genio, muy semejante a mis ideas y mui parcial con mis inclinaciones, el que también venía tan fanfarón, tan hueco y tan loco como yo, afectando la gallardía, la gentileza y la pompa del cuerpo y del traje, y descubriendo la vanidad de la cabeza. Detrás de nosotros seguían cuatro criados, con cuatro caballos del diestro

presentira que todos os ossos de ambos os lados haviam diminuído e assim ficara com aquela deficiência de pés e, por isso e devido ao enregelamento, não havia de demorar muito que mesmo ali viesse a morrer. Todos ficaram compadecidos daquele pobre homem e por fim um daqueles que andavam a levantar a obra [de reparação do tecto do mosteiro dominicano de Santarém] incita-o à devoção a S. Gil, que fosse ao seu túmulo com devoção e tivesse esperança de recobrar a sua saúde como tinha acontecido a outros. Coisa deveras extraordinária: levam-no à capela pela mão e aí fica a chorar e a gemer, mas, passada uma hora, encontrava-se curado”.

¹⁰³ ESTAÑA, Bartholomé Villalba y - *El peregrino curioso y Grandezas de España*, II Tomo, Madrid: Sociedad de Bibliófilos Española, 1889.

¹⁰⁴ CAUCCI, Paolo - *Las peregrinaciones Italianas a Santiago*, Santiago de Compostela: Porto, 1971, pp. 81-92.

*y un macho donde venían los repuestos de la cama, y la comida. Atravesamos por Portugal para salir a la ciudad de Tuy, y en los pueblos de buenas vecindades nos deteníamos, ya por el motivo de descansar, ya por el gusto de que mi compañero e mis criados vieses sin prisa los lugares de aquel reino, que yo tenía medianamente repasado. Divertíamos poderosamente las fatigas del viaje en las casas de los fidalgos, en los conventos de monjas y en otros lugares, donde sólo se trataba de oír músicas, disponer danzas y amontonar toda casta de juegos, diversiones y alegrías*¹⁰⁵.

A peregrinação começava a dar sinais de cansaço!

O mais recente relato de peregrinação é o de Nicola Albani, um napolitano, que viajou a Compostela a partir de 1743, relato particularmente importante pelas ilustrações que lhe juntou, uma sobretudo, verdadeira banda desenhada, em que conta o assalto de que foi vítima na Serra da Labruja e de que resultou a morte dos próprios assaltantes¹⁰⁶.

Com o séc. XIX, a peregrinação a Compostela decaiu mesmo. É significativo o painel de azulejos colocado no adro da igreja paroquial de Santiago de Fontes (Santa Marta de Penaguião), que diz assim:

Dar pousada aos peregrinos
Vale menos do que dar
Moradia às pobres almas
no coração do lugar.

A devoção jacobea substituída pela tridentina devoção das almas!

Finda esta longa lista de nomes, de quantos mais peregrinos não há memória? De Nuno Álvares Pereira (1360-1431), informa Fernão Lopes que “*cuidou o conde em sua vontade de ir em romaria a Santiago da Galliza*”¹⁰⁷, desejo que não terá conseguido levar a cabo.

E muitos mais, como já anteriormente se disse, resolveram semelhantes impossibilidades doutra maneira. Foi o caso de D. Maria, filha de D. João I: “*A Frei André de Fezes pediu a infanta D. Maria, filha daquele monarca, para fazer por ella uma romaria a Santiago da Galiza*”¹⁰⁸.

IV. Os caminhos de Santiago

Hoje em dia, a temática dos Caminhos de Santiago é muito apetecida, sobretudo pelo Turismo, particularmente o dito *religioso*, e pelas Autarquias, que nela descobrem

¹⁰⁵ VILLARROEL, Diego de Torres - *Vida*, 4ª ed., Madrid: Cátedra, 1998, p. 215. Ver ainda do mesmo autor e viajante *Peregrinación al Glorioso Apóstol Santiago de Galicia*, Salamanca: Cervantes, 2003.

¹⁰⁶ ALBANI, Nicola - *Viaje de Nápoles a Santiago de Galicia*, versión castellana de Isabel González, Madrid: Edilán, 1993, p. 237.

¹⁰⁷ *Crónica de D. João I*, P. 2, cap. 5.

¹⁰⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, III, Lisboa: Verbo, 1978, p. 338, citando Frei Manuel de Monforte - *Chronica da Provincia da Piedade*, livro IV, cap. XXIX, pp. 578-579.

uma fonte de proventos e de protagonismo. A partir daqui, (quase) tudo vale: se todos os caminhos vão dar a Roma, porque não também a Compostela? Mas nem todos podem dizer-se *de Santiago*.

Um Caminho jacobeu tem necessariamente a ver com a peregrinação: foi utilizado no mundo antigo, o que há-de comprovar-se em relatos de viagem medievais ou modernos, ou concluir-se a partir de toda uma série de variados testemunhos espalhados pelo seu traçado e atrás referidos.

Mas, em Portugal, é muito difícil falar deste assunto¹⁰⁹. Porque estando o nosso território tão próximo de Compostela, havia muitos caminhos.

Na abordagem tradicional a esta questão dos caminhos portugueses de Santiago, há dois preconceitos que urge pôr de lado.

Que os caminhos de peregrinação portuguesa tinham exclusiva ou preferentemente o sentido Sul/Norte é verdade só em parte. Um grande número dos peregrinos que passava o nosso território provinham não do sul de Portugal, mas da vizinha Espanha, nomeadamente das zonas adjacentes da Via da Prata. Neste caso, não contornavam a fronteira portuguesa, mas, onde mais lhes convinha, entravam em território nacional e pendiam então para Compostela. Os relatos de viagem de Torres Villarröel, Cosme de Médicis ou Jerónimo Munzer e o caminho leonês citado por Fernão Lopes o provam.

*“E amdamdo nestes trautos, açertouse de virem pera aly (Braguanca) muitos almocreves e mercadores castelãos que hião cõ suas mercadorias pera a festa de Santiago de Gualiza que se cheguava no mes de Julho; e por que o lugar tinha vōz de Castela, hião por aly seguros e emtemdião vir”*¹¹⁰.

De resto, é muito curioso reparar que quase todos esses caminhos estão ligados por lugares de culto jacobeu do lado de cá e de lá da fronteira. Mértola, Mourão, Campo Maior, Malpica do Tejo, Segura, Salvaterra do Extremo, Monfortinho, Fóios e Alfaiates, Vilar Formoso e Escarigo, Cova da Barca e outros lugares do Douro internacional viram certamente entrar muitos peregrinos *leoneses* e *moçárabes* em território português, que desviavam depois para noroeste.

Outro dos preconceitos tradicionais a pôr de lado é o de que certas cidades e vilas (Coimbra, Porto, Chaves, Ponte de Lima, Guarda, Viseu) eram passagem obrigatória na peregrinação jacobea. Na prática, não acontecia bem assim. Passavam na região,

109 Não falarei aqui, portanto, de trajectos portugueses para Santiago de Compostela. Ficam apenas umas notas genéricas. Quanto a estudos mais pormenorizados remeto para alguns trabalhos que publiquei: *Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago*, Vol II: Itinerários Portugueses, [Santiago de Compostela/Porto], Xunta de Galicia/Centro Regional de Artes Tradicionais, 1995; “*Caminhos Transmontanos de Peregrinação a Compostela*”, in *Brigantia* XII [1992] 49-80 e 27-54); “*A devoção popular a Santiago de Compostela em Portugal*”, in *Brigantia* XVII [1996] 77-114; “*A travessia do rio Douro na peregrinação compostelana*”, in *Brigantia* XIX [1999] 53-70; *Santiago em Portugal. A devoção e a peregrinação*, Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal, 2001; “*O camiño portugués: património e etnografia*”, in PARDELLAS, Xulio X. (dir.) - *Turismo religioso: O Camiño de Santiago*, Vigo: Universidad de Vigo, 2004; “*Marcas da devoção e da peregrinação jacobeitas em Portugal*”, in *O camiño Português (Actas do Congreso O Camiño de Santiago para o século XXI)*, Xunta de Galicia, 2007, pp. 75-96.

110 LOPES, Fernão - *Crónica de D. João I*, II Vol., Porto: Civilização, 1990, p. 181.

é verdade, mas contornavam muitas vezes a cidade ou vila. O grande aglomerado urbano era, no mundo antigo, considerado um lugar de pecado; e, no seu intuito de andar um caminho ao mesmo tempo religioso e penitencial, os peregrinos evitavam-no, passando-lhe ao lado. Em Portugal, ao menos. Basta reparar nos muitos lugares de culto jacobeu que quase sempre rodeiam esses grandes centros –Coimbra, Porto, Vila Real, Chaves, Ponte de Lima, Viseu, Trancoso– para perceber os caminhos laterais que os ligavam.

Mas há caminhos que não oferecem dúvidas. O já citado leonês, de Fernão Lopes, é um exemplo: de Quintanilha a Bragança e daí a Segirei, é fácil localizá-lo atendendo a topónimos, lugares e outras memórias do culto jacobeu, pontes e velhas calçadas¹¹¹. Seguia depois para Ourense.

Nos caminhos provenientes da Via da Prata, Trancoso funcionava como placa giratória importante. O mesmo se diga de Viseu. No entanto, ambas as regiões oferecem grande largueza de hipóteses na escolha de caminhos a seguir. Depois, era Lamego e Vila Real. Seguia-se então para Chaves e sua região adjacente, pois que a ligação a Ourense permitia as mais variadas opções¹¹².

De Lisboa para Compostela, quantos os relatos, tantos os trajectos! Basta compulсар os relatos de peregrinação disponíveis: não há dois iguais. E eu estou mesmo convencido de que o caminho mais utilizado pelo peregrino comum entre a capital portuguesa e a Galiza não é nenhum dos fixados por escrito. A gente simples e pobre procurava o mais rápido, e não se poupava a esforços. Do Porto para Norte, como testemunham os relatos de peregrinação conhecidos, o caminho era mais consensual, sobretudo a partir de Ponte de Lima¹¹³.

A par do caminho de Lisboa, havia outros que vinham do sul, do Algarve e de todo o Alentejo: tudo dependia do ponto de partida e do lugar escolhido para passar o Tejo. Estes peregrinos, sobretudo os do interior, ter-se-ão encontrado muitas vezes na viagem com os que provinham da Via da Prata.

Atravessar depois o Douro, rio sem pontes até finais do século passado, era uma verdadeira dificuldade a transpor: as barcas eram poucas e nem sempre a corrente do rio permitia uma travessia segura¹¹⁴. E, conforme a barca utilizada, se prosseguia depois na demanda de Compostela. Mas novas dificuldades se apresentavam: eram as serras, eram os muitos rios, as poucas pontes e os raros mosteiros bem como as péssimas albergarias. Mas, com a pressa de chegar ao túmulo do Apóstolo e logo a necessidade de regressar rapidamente a casa, até o difícil se tornava fácil.

111 Ver *Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago*, pp. 231-268.

112 *Ibid.*, pp. 215-225.

113 *Ibid.*, pp. 21-137.

114 Ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da - "A travessia do Rio Douro na peregrinação a Compostela", in *Brigantia - Revista de Cultura* XIX-1/2 (1999) 53-6.

Conclusão

Aqui chegado, há que parar. Será que bastam todos estes dados para aquilatar da intensidade da devoção jacobeia em Portugal e da sua implantação na alma nacional? Claro que não.

É preciso ainda visitar os riquíssimos mundos da etnografia (o lendário, o costumeiro, o romanceiro, o adagiário, o rifoneiro) e da arte (particularmente, a escultura e a pintura). Depois, há que passar à toponímia e à botânica, à heráldica até, à Literatura e particularmente à Oratória Sagrada. Esta última pede um estudo sério que está por fazer. Etc...

Os contornos políticos e religiosos da devoção ao Apóstolo, as suas intromissões no campo da escatologia diria *popular*, porque a Europa nem sempre ou quase nunca conseguiu suplantar antigos mitos e crenças —o caminho das estrelas, a barca de Caronte e a taxa de portagem exigida aos seus obrigados utilizadores, o próprio rio Lethes, etc—, tudo isto faz parte de um *jacobeu universal* que mistura o registo mítico, o credo religioso e a memória da peregrinação real.

Mas por agora basta. Se mo permitem, prometo voltar aqui às *coisas novas e velhas* do imenso e intenso mundo jacobeu português que, inegavelmente, enriquece —de maneira muito própria— o vastíssimo “espaço europeu pleno de memória colectiva e rasgado por caminhos que ultrapassam as distâncias, as fronteiras e as incompreensões”, como dizia a Declaração de Compostela do Conselho da Europa, de 1987.

E tudo isto porquê? É urgente “la búsqueda de una especie de *hilo conductor* que unifique la fragmentaridad de los trabajos e de los días de los hombres y que, alimentando el deseo de una meta, haga aceptable de algún modo la fatiga de vivir”. Mas, para se chegar ao tal *hilo conductor* é necessário analisar a positividade de todos os dados que os Arquivos contêm e a memória popular ainda não esqueceu. Imensa tarefa, esta!

Fecha de recepción / date of reception / data de recepción: 17-12-2010

Fecha de aceptación / date of acceptance / data de aceptación: 18-01-2011